

José Cláudio Alves de Oliveira

EX-VOTOS da sala de milagres

do santuário de Bom Jesus da Lapa:
Sociedade, religião e arte

2ª EDIÇÃO



José Cláudio Alves de Oliveira

EX-VOTOS da sala de milagres

do santuário de Bom Jesus da Lapa:
Sociedade, religião e arte

2ª EDIÇÃO



Editora chefe	
Prof ^a Dr ^a Antonella Carvalho de Oliveira	
Editora executiva	
Natalia Oliveira	
Assistente editorial	
Flávia Roberta Barão	
Bibliotecária	
Janaina Ramos	
Projeto gráfico	2022 by Atena Editora
Bruno Oliveira	Copyright © Atena Editora
Camila Alves de Cremo	Copyright do texto © 2022 Os autores
Luiza Alves Batista	Copyright da edição © 2022 Atena
Natália Sandrini de Azevedo	Editora
Imagens da capa	Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.
Natália Marques	
Edição de arte	Open access publication by Atena
Luiza Alves Batista	Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Linguística, Letras e Artes

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof^a Dr^a Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof^a Dr^a Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

**Ex-votos da sala de milagres do santuário de Bom Jesus da Lapa:
sociedade, religião e arte**

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: José Cláudio Alves de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
048	Oliveira, José Cláudio Alves de Ex-votos da sala de milagres do santuário de Bom Jesus da Lapa: sociedade, religião e arte / José Cláudio Alves de Oliveira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0703-4 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.034220512 1. Santuários. 2. Santuário de Bom Jesus da Lapa (BA). I. Oliveira, José Cláudio Alves de. II. Título. CDD 263.042
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

In Memoriam.

Jaime Sodré, Saja, Sofia Olszewski Filha.

Eternos.

Dedico este livro a
Maria Cecília Santos da Silva,
companheira, colega de estudos que me deu apoio na pesquisa e no
impulso desta temática em 1995.

Agradeço a Deus e ao Senhor Bom Jesus da Lapa, por tudo.

"Ainda que falasse a linguagem dos homens e dos Anjos, sem amor, seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine; Mesmo que eu tenha o dom de profetizar, e conheça todos os mistérios do mundo e da Ciência, e tenha fé capaz de remover montanhas, sem Amor, nada serei!" ICO:13-1-2

No início da década de 1990 surgiu a ideia de se criar um curso de Pós-Graduação, na Escola de Belas Artes, da Universidade Federal da Bahia (EBA-UFBA). Na época era possível iniciar os cursos, sem a aprovação prévia da CAPES – a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior. Já se tinha doutores e mestres, graças à implementação, por parte dessa Fundação, na década de 1970, que colocou em funcionamento o PICD – Programa Institucional de Capacitação Docente, com bolsas de estudos. Podia-se então cursar o Mestrado em outra Universidade, mesmo fora do Estado da Bahia. Consultados os Departamentos da EBA, então, Departamento I – de História da Arte e Pintura, e II – Departamento de Escultura e Gravura, a ideia foi aprovada pelos professores capacitados e pelo então diretor, professor Juarez Paraíso.

Reuni o grupo que, costumeiramente, colaborava nos projetos voltados para o crescimento da entidade, como Maria Vidal de Negreiros Camargo, Sofia Olszewski Filha, Ceres Pisane Coelho. Demos o início à estruturação do Curso de Mestrado, com duas áreas de concentração: História da Arte e Artes Plásticas.

Enquanto a equipe desenvolvia as ações burocráticas, para compor o Projeto do Curso de Mestrado, para ser entregue à CAPES, decidiu-se, com o apoio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e da Diretoria da EBA, abrir as inscrições para a primeira turma do Mestrado, para o ano de 1992. Em princípio acordou-se que os professores da casa teriam prioridade, mas seriam aceitos candidatos, que tivessem cursado disciplinas de outros cursos, na Escola de Belas Artes, como História e Museologia.

O Projeto de Criação do Mestrado em História da Arte e Artes Visuais foi enviado, ainda incompleto, para o parecer da CAPES, enquanto fazíamos a seleção. A banca de seleção foi formada pelos professores capacitados dos dois departamentos, cinco docentes, que deviam escolher dez candidatos para cada área de concentração.

Dos candidatos aprovados me coube a orientação das professoras da casa, Célia Barreto Gomes, Vania Bezerra de Carvalho, Malie King Matsuda – que constam da foto exibida na Apresentação deste artigo -, e fui escolhida por José Claudio Alves de Oliveira. Iniciada a implantação do Curso de Mestrado, a coordenação do mesmo curso foi repassada a uma terceira pessoa, pela direção da EBA.

De qualquer forma, levamos o Curso a sério. Além de orientar os quatro mestrandos, ministrava as aulas de Metodologia da Pesquisa, que eu

já tinha conseguido implantar no currículum da graduação. Apenas o Curso de Museologia aceitou incluir a disciplina.

O tema, proposto por José Claudio, para a sua dissertação foi “Ex-votos da Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa: sociedade, religião e arte”. Passados vinte e oito anos, ele retoma o tema – depois de ter visitado o Santuário da Lapa em 2018 -, reafirmando algumas ideias, registradas em sua dissertação e atualizando as novas constatações ou mudanças, provocadas pelo tempo.

Esse é mais um artigo sobre ex-votos, que durante todos esses anos ocupam as pesquisas, publicações e os cursos ministrados pelo seu autor. Sempre afirmo que tenho grande orgulho dele, pelo acadêmico e pesquisador que é. Graduado em História, em Museologia e Jornalismo, está, atualmente, fazendo seu segundo doutorado, apesar de tê-lo feito na área de sua preferência ligada aos museus.

Já foi chefe de departamento, além de docente na graduação, é do corpo de docentes permanentes na pós-graduação em Museologia, que coordena atualmente. Além disso, fez dois Pós-doutorados, um em Portugal e o outro em São Paulo, tem dezenas de artigos, vários livros publicados.

Não restringiu seus estudos aos ex-votos baianos, mas se juntou a autoras ou autores do Brasil, do México, da América Central, por ter bolsa de produção do CNPq, sempre garimpando ex-votos. É professor permanente também na pós-graduação do Programa em Ciência da Informação e Coordena o Núcleo de Pesquisa de ex-votos, do Curso de Museologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA.

Maria Helena Ochi Flexor

Professora Emérita da UFBA

Brasília, ano 2 da pandemia do Coronavírus 2021

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	
O EX-VOTO.....	5
Definições	5
Ex-voto e documentação	10
Ex-voto e arte	12
A visão do objeto artístico	21
CAPÍTULO II	
EX-VOTOS DA SALA DE MILAGRES DO SANTUÁRIO DA LAPA	29
A cidade e o santuário.....	29
O monge e o morro	35
O santuário.....	38
As três romarias: ato espontâneo e ato programado.....	39
Desobrigas e promessas	44
A Sala de Milagres	46
CAPÍTULO III	
TIPOLOGIA DOS EX-VOTOS DA SALA DE MILAGRES DO SANTUÁRIO DA LAPA	51
Tipos e categorias	51
Pedidos e pagamentos	60
A expressão de valores coletivo e individuais	61
A fé e a religião.....	74
CONCLUSÕES.....	76
REFERÊNCIAS	78
Fontes impressas.....	78
Fontes manuscritas	79
SOBRE O AUTOR	80

INTRODUÇÃO

O presente texto é fruto do trabalho de três anos, realizado no Mestrado em Artes, na área de concentração Teoria e História da Arte, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA-UFBA), entre os anos de 1993 a 1995, e que resultou na dissertação que leva este: “Ex-votos da sala de milagres do santuário de bom jesus da lapa: sociedade, religião e arte” emblemado na capa.

Percebi que chegou o momento, depois de tantas andanças e atualizações sobre ex-votos, de publicar a dissertação, que por ora só está nas prateleiras da biblioteca da EBA-UFBA, na famosa rua Araújo Pinho, no Bairro do Canela. Essa Escola, que formou grandes nomes das artes, do desenho e da história da arte baiana, entre os quais eu tive a honra de fazer parte. Falo da primeira turma do Mestrado da Escola, de 1992, composta pelos professores Jaime Sodré, José Umbelino de Souza Pinheiro Brasil, Oswaldo Gouveia e José Antônio Ramos Neves dos Santos, ou Saja, e as professoras Malie Kung Matsuda, Maria Helena Franca Neves, Vânia Bezerra de Carvalho, Ana Palmira Bittencourt Casimiro e Célia IMaria Barreto Gomes. (Imagem 1). Eu, particular, e evidentemente, com outras colegas, orientado pela Professora Doutora Maria Helena Ochi Flexor, das maiores historiadoras contemporâneas da arte do nosso País.



Imagen 1 - Primeira turma do mestrado em Artes da EBA-UFBA. 1992.

De pé, da esquerda para a direita: Oswaldo Gouveia, Jaime Sodré e José Cláudio.

Sentados, da esquerda para a direita: Malie Matsuda, Maria Helena Neves, Vânia Bezerra, Ana Palmira, Saja e Célia Gomes. José Umbelino, ausente.

Foto de Antônio Neto (da mesma turma)

Naquela boa época de estudos – com notáveis professores/colegas –, nos reuníamos

no pátio da EBA/UFBA antes das aulas dos (das) nossos (as) mestres, dentre os (as) quais a inesquecível e saudosa professora Sofia Olszewski Filha, que nos acompanhou até 1995, quando faleceu. Tempo de debates, de leitura na biblioteca gerenciada por Marlene Cajazeiras. Tempo em que, nas tardes, no mesmo pátio ou à frente da EBA, fluía mais paz, mais amizade, mais corpo a corpo e trocas de conhecimento.

E foi nesses “tempos dourados” que iniciei o roteiro da minha dissertação, com a Doutora Flexor. E aqui registro, poucas, muito poucas alterações de conteúdo. São mudanças que dizem respeito, quase que somente à substituição de ilustrações, ajustes ortográficos e ligeiras atualizações.

O trabalho abrange a análise histórica da origem do Santuário de Bom Jesus da Lapa desde quando ainda era arraial e depois vila, datados entre os séculos XVII, XVIII e XIX, e dessa localidade, já como cidade, a partir de 1922.

O levantamento bibliográfico foi a primeira das técnicas específicas utilizado, além do levantamento de documentos manuscritos e uma extensiva revisão literária e científica, incluindo os manuscritos encontrados no Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), em Salvador, referentes ao Santuário de Bom Jesus da Lapa, do século XVII ao XIX, e documentos do clero lapense. Foi nesses documentos que obtivemos informações relativas ao monge Francisco da Soledade – o Francisco Mendonça Mar –, que em 1691 passou a morar no morro lapense, como eremita e atraindo romarias para aquele local.

A consulta dos manuscritos foi seguida, por uma revisão bibliográfica, como textos ou artigos, livros e periódicos, básicos e específicos, do assunto e do tema. Nessa fase os trabalhos foram realizados em bibliotecas públicas e particulares de Salvador, bem como em de outras cidades. E para sistematização dos documentos manuscritos de Arquivo e leituras de impressos – em tempos em que a tecnologia eletrônica não era democratizado totalmente – foram usadas fichas específicas de resumo e catalogação.

A pesquisa de campo – segundo momento técnico e prático do estudo – visou apreender e vivenciar a realidade sociocultural, que circundava o Santuário da Lapa, e os objetos estudados: os ex-votos. Se ocupou, então, dos registros dos fatos, ações e depoimentos através, sobretudo, de entrevistas, e do conhecimento e reconhecimento do povo lapense, acompanhadas de fotos.

Foram dias e semanas nas idas e vindas entre Bom Jesus da Lapa e Salvador, separadas por 778 km, por terra. Todas as viagens foram feitas por avião, pela hoje extinta Nordeste Linhas Aéreas, empresa que, em todos os deslocamentos, realizados entre as duas cidades, apoiou o projeto do Mestrado, que, à época, estava vinculado ao Projeto Ex-votos da Bahia, reconhecido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), instituição

pública na qual este autor era docente.

Nas entrevistas, em Bom Jesus da Lapa, se propunham colher dados consistentes, que dessem subsídios ao estudo básico, a partir de contatos com artistas lapenses, fabricantes de ex-votos de parafina, romeiros e autoridades da Igreja Católica, tanto de Bom Jesus da Lapa, como da Comissão Pastoral da Terra, em Salvador.

As entrevistas com romeiros se deram durante os períodos das romarias – dos meses de julho, agosto e setembro de 1994 –, e visavam apreender a concepção que os devotos tinham sobre a devoção, a fé e os ex-votos.

Todas as entrevistas foram abertas, gravadas em *cassete player*, sem o uso de qualquer questionário. Foram entrevistas feitas através do diálogo, de livre expressão. Evidente, foram dirigidas pela condução e objetivo do pesquisador, numa estrutura de base ligada ao núcleo temático pesquisado.

Outro momento da pesquisa de campo, foi o da realização de fotografias e da videogravação, técnicas que facilitaram os estudos iconográficos e iconológicos por comparação. Essas técnicas, na verdade, constituíram a base de toda documentação, levantada pela pesquisa de campo, juntamente com o fichamento bibliográfico. Normalmente, com o tempo, os ex-votos se acumulam nos santuários de grande devoção e número de fiéis, em função de que, vários deles são descartados, de tempos em tempos. O estudo documental e iconográfico, na sala de milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa, abrangia e abrange o período de 1992 a 1994.

Todo o projeto de pesquisa foi guiado pelo método de análise e síntese que se propõe partir de uma investigação de múltiplas informações para atingir conclusões sobre o objeto investigado numa monografia mais restrita. Recorreu-se ao estudo iconológico – base teórica de todo o trabalho –, a que coube identificar e analisar a iconografia e entender as imagens ex-votivas, dentro dos princípios da obra de arte ou das fotografias e demais objetos, para estudar os significados intrínsecos ou seus conteúdos, elencando os valores simbólicos, que elucidam mensagens e informações extrínsecas.

O trabalho usa o documento oral sem, no entanto, a pretensão de compor uma história oral. Foi usada apenas como método de apoio à compreensão dos objetos ex-votivos.

O texto, que se segue, é composto de três capítulos, que realçam questões pertinentes ao tema abrangendo os ex-votos da Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa.

O primeiro capítulo se mostra definidor do tema ex-voto, analisando conceitos usados por estudiosos da área, identificando a presença do ex-voto nos campos da documentação

histórica e da arte e verificando a sua importância enquanto objeto artístico.

O segundo capítulo se prende ao histórico de Bom Jesus da Lapa, das suas três romarias, da população que compõe a cidade, durante as romarias, dos romeiros, da importância da Sala de Milagres, como espaço guardião do mundo dos ex-votos e do Santuário.

O terceiro capítulo classifica a tipologia dos ex-voto da Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa, analisando-a como testemunho, que capta. Transmite e comunica questões individuais e coletivas. A fé e a religião são referenciadas como questões fundamentais do fenômeno ex-votivo.

O uso maior de ilustrações, no último capítulo, se revelou forçoso e importante para o leitor ter uma boa percepção dos ambientes estudados, da tipologia dos ex-votos, encontrados na Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa e dos atores que compuseram a tradição cultural e religiosa do catolicismo popular.

Procura-se, com isso, atingir o principal objetivo do projeto, que é estudar os ex-votos da Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa, à luz da iconologia, com a finalidade de elucidar as mensagens, os conteúdos sociais e artísticos que esses documentos contêm.

Nesta atualização do tema que teve origem na dissertação defendida em 1995, se tem a pretensão de levar ao Brasil e ao mundo a ciência, o encanto, a emoção e a fé, marcados num processo que conjuga religião, arte, história e sociologia, quando, em pouco mais de 300 anos se traz uma tradição, que antecede ao cristianismo, e que se mostra intensa e reveladora da natureza, respaldada na beleza existente entre o prometer e o cumprir.

O EX-VOTO

“O mundo espera a hora de voltar a ter aquilo que mais procuramos: tranquilidade. No momento em que conseguirmos conquistá-la novamente, teremos feito muito mais do que conquistar a lua ou outros planetas. Então o homem terá tempo de ser artesão, terá tempo de assobiar sua música sem pensar na bomba que pode cair sobre sua casa. Ele fará então o seu grande ex-voto de agradecimento: o imenso painel da paz”. (Oswald de Andrade Filho, 1968, p. 11)

DEFINIÇÕES

Num tradicional dicionário da língua portuguesa encontra-se a seguinte definição de ex-voto: “Quadro, imagem, inscrição ou órgão de cera ou madeira, etc., que se oferece e se expõe numa capela em comemoração de um voto ou promessa cumpridos” (FERREIRA, 1977, p. 212).

As enciclopédias seguem a mesma linha definidora do dicionário citado: “Quadro ou objeto suspenso em um lugar santo, em cumprimento de promessa ou em memória de graça obtida”, ou ainda: “Expressão de culto que quase sempre assume forma retributiva, concretizada na oferta de elementos materiais, em agradecimento de qualquer intervenção miraculosa ou graça recebida” (Encyclopédia Delta Larousse, 1972, p. 2645).

Disso se depreende que o ex-voto vem a ser quadro pictórico, desenho, escultura, fotografia, peça de roupa, joia, mecha de cabelo ou outro qualquer objeto, que se ofereça ou exponha nas capelas, igrejas ou salas de milagres, em regozijo de graça alcançada.

O ex-voto, assim, é sempre o pagamento da graça e nunca o pedido, mas em todas as formas a aproximação com a entidade superior, o uso e a simplicidade dos objetos expostos, são as características principais.

Em algumas publicações o ex-voto consta como uma oferenda entregue, após um voto formulado e atendido pelos deuses, nos tempos do paganismo e a Deus, a Virgem Maria e aos Santos, na vigência do cristianismo, em ocasiões de angústias, doença mortal, perigo de morte dos seres humanos ou de animais domésticos e semelhantes.

Dessa aproximação com a entidade, considerada santa, poderosa e superior, resulta, às vezes, a confecção dos ex-votos. O agraciado, na impossibilidade de comprar peças industrializadas, executa um objeto, em geral tosco, esculpido em madeira ou modelado em barro, para o pagamento da dívida que tem com aquela entidade.

Conta a tradição, que Esculápio – médico da antiguidade, na Grécia -, recebia daqueles a quem curava, as reproduções do braço, perna ou cabeça do doente. Eram objetos

que traziam, em suas formas, os traços, as marcas e os sinais, dos males ocorridos nas referidas partes do corpo. Esse costume se generalizou, a partir dos gregos, espalhando-se por volta de 2000 a.C., em grande parte do Mediterrâneo, em locais sagrados, na verdade santuários, onde os crentes pagavam suas promessas aos seus deuses. Os santuários de Delos, Delfos e Epidauro, na Grécia, notabilizaram-se pela quantidade e qualidade das ofertas recebidas.

São vários os tipos de ex-votos conhecidos, condicionando-se o maior número de determinado modelo ao próprio meio social, econômico e geográfico, embora isso não tenha um caráter determinante.

Os ex-votos podem ser classificados, grosso modo, em elementos materiais do ritual protetivo e produtivo. São protetivos aqueles que visam à proteção, embora não se possa determinar uma linha rigorosamente marcante para essa divisão. A cura é uma proteção da saúde ameaçada, assim como a “oferta” de mecha de cabelo – de grande valor pelo desconhecimento das forças que atuam sobre seu crescimento –, que visa igualmente à proteção do crente.

Os ex-votos pertencem ao ritual criado nas promessas feitas, por ocasião da passagem da bandeira do Divino Espírito Santo, quando os fiéis levam óbolos da festa para sala de milagres. A Festa do Divino é realizada sete semanas depois do Domingo de Páscoa, no dia de Pentecostes, para comemorar a descida do Espírito Santo sobre os doze apóstolos. Essa tradicional festa da religião do povo e, também, componente do folclore brasileiro, é uma mistura de manifestações religiosas e profanas – isto é, sem caráter sagrado instituído pelo Vaticano.

Quanto à forma, os ex-votos são, sobretudo, antropomorfos, zoomorfos ou são elementos simples e especiais ou representativos de valores variados, como as peças industrializadas, os bilhetes, cartas, anéis, moedas, canetas.

Os ex-votos antropomorfos são os que representam o corpo humano, no todo ou em partes – em desenho, pinturas, esculturas ou fotografias –; zoomorfos são as representações de animais; simples são os objetos de uso cotidiano, como por exemplo as fitinhas, os vestidos brancos e os sapatos, entre outros, de uso pessoal; os especiais, ou representativos de valor, são os ex-votos que, economicamente, tem valor monetário. Exemplo destes últimos, pode-se citar joias, dinheiro em espécie, objetos artísticos, considerados de grande valor ou bens de consumo imediato como milho, feijão, arroz, com tipologia quase infinitas, vistas em Bom Jesus da Lapa. (Imagens 2 e 3).

Todavia, uma peça trabalhada em madeira tem um valor artístico incomparável, já que ela representa um testemunho da crença de um indivíduo, ou seja, é um objeto

representativo à vida religiosa de um cidadão, algo que possui valor cultural e individual.

A joia, - ex-voto característico dos moradores das grandes cidades -, é núcleo de um ritual, ao mesmo tempo, protetivo e produtivo, porque é sempre depositada em uma sala de milagres com vistas à felicidade futura, como as das jovens esposas, no santuário de Aparecida do Norte, em São Paulo.



Sala de milagres do santuário de Bom Jesus da Lapa. Ex-voto
Miniatura de Carroça. Material: Madeira, barro cozido e couro.



Imagen 3 - Ex-voto antropomorfo. Santuário de
Bom Jesus da Lapa. Perna em madeira.

Foto do autor. 1993.

Imagen 2. Ex-voto representativo de valores
variados. Santuário de Bom Jesus da Lapa.
Miniatura de carroça em madeira.

Foto do autor. 1993.

Os ex-votos antropomorfos, zoomorfos e alguns simples têm mais caráter protetivo, enquanto os especiais – decorrentes de outras negociações com o sobrenatural – têm cunho produtivo.

No livro em que aborda, de maneira acadêmica e rica, sobre os ex-votos, a museóloga Maria Augusta Machado da Silva (1981, p, 67) apresentou uma classificação em duas categorias, vinculadas a distintos processos culturais. A primeira é a puramente “mágica”, que corresponde a estágios primários de relacionamento com a divindade ou seus agentes. A segunda é a “mágico-religiosa”, que tem como forma de expressão uma paraliturgia popular.

O pensamento dessa autora voltou-se para um processo de magia que, em sua

tese, é o poder do ex-voto – diante da reza, do gestual no momento da desobriga e da própria fé – concretizar o milagre. A autora, então, tem o ex-voto como objeto que, na visão popular, consegue trazer ao fiel àquilo que fora almejado.

Ainda, para Silva, o aspecto de testemunha do ex-voto, exige um processo de comunicação social. Com isso, ela descreve as formas testemunhais ex-votivas de representação iconográfica da graça obtida, envolvendo a ocorrência que motivou a graça à representação escultórica da doença curada, que é a forma mais conhecida de ex-votos. Outra forma é a do objeto, antes essencial ao *emilagrado* e que se torna desnecessário pela cura, como por exemplo, as muletas e os óculos, que são os mais frequentes. (SILVA, 1981, p. 100).

Para a museóloga, as ofertas de bens especiais representativos de valor – destinados a divulgar a devoção ao santo padroeiro –, são, principalmente, dinheiro, joias e objetos preciosos de uso litúrgico. Entre esses podem ser enquadradas as capelas particulares construídas em agradecimento, e desobriga de um voto. Objetos simbólicos da religião, como velas votivas, flores etc., são, para Silva, parte do variado acervo ex-votivo, entre os quais se pode ter, também, como seus constituintes as cruzes penitenciais, usadas em peregrinações. (SILVA, 1981, p. 117)

A participação, em circunstâncias especiais, de cerimônias litúrgicas, durante as quais o agraciado – através do uso de vestes testemunha publicamente a sua gratidão é, para a referida autora –, uma cerimônia ex-votiva, que procura exaltar a crença momentânea, em que o pedido e a reza são evocados de maneira a profetizar a relação espiritual, entre o pedinte e o santo, mas não se constituirá numa cerimônia ex-votiva se o crente não depositar, ou ofertar, o objeto, no caso a vestimenta, uma bata, geralmente de cor branca, vestida por cima de roupa com que viajou. (SILVA, 1981)

Com essa classificação, das formas testemunhais ex-votivas e do próprio ex-voto, Silva (1981) propõe, em seu texto, variantes, como o uso de veste e cores miméticas, nomes de santos e recém-nascidos e até mesmo a cantiga ou a ladainha. São variantes que se compõem por um quadro votivo, posto que o fato de promessas – como as de dar nomes de santos e usar determinadas cores –, podem não ser uma forma ex-votiva, pois não houve a desobriga em espaço determinado, que constituirá o ex-voto. Essas promessas seriam, então, um voto ao santo, um cumprimento apenas.

Neste caso é bom separar os conceitos de votivo e ex-votivo. O primeiro, diz respeito às ofertas em cumprimento de voto ou promessa ao santo. O uso ou à tradição de manter cerimoniais. Assim, por exemplo, pode-se dizer: o uso de figas, pingente, ofertas

de caruru¹, de ir em romaria a algum lugar, de levar romeiros, de acender velas em dias determinados etc., são modos de ações votivas. Já o conceito ex-votivo refere-se apenas ao ato voltado para o ex-voto, isto é, desobriga em uma sala de milagres, que é o momento em que o fiel deposita a sua oferta em usando um ceremonial de reza individualmente feita.

Em síntese, se um romeiro for à igreja, vestido de bata, está cumprindo um voto, mas se ele, além disso, retira a bata para depositá-la em alguma parte da igreja, ou na possível sala de milagres do templo, cumprirá um ato ex-votivo.

Ex-voto, então, é o objeto depositado em uma sala de milagres ou recinto eleito para essa função, e não a reza, a romaria, o nome de Santo a pessoas, cantigas e ladainhas, todas essas tradições são ações votivas.

Alguns autores incluem, nas definições de ex-voto, a questão da imaterialidade. Alceu Maynard Araújo (1951, p. 44), elencou a dança de São Gonçalo, feita em cumprimento de promessa para arranjar casamento ou contra o reumatismo, como uma forma imaterial de ex-voto.

Dessa forma imaterial de ex-voto, Maynard Araújo deu outros exemplos nos quais destacou outra vinculação ao tema: os “ex-votos que vêm do mar”. Uma forma que se dá em Iguape, zona litorânea de São Paulo, onde os pescadores lançam ao mar uma forma de canoa chamada caixeta. A canoa, devido às correntes marítimas, dá à praia. A que bate na praia é recolhida e levada até a sala de milagres. Esse processo é feito quando um pescador da região adoece. (ARAÚJO, 1951, p. 59)

Maynard Araújo (1951) ofereceu uma riqueza de assuntos que, em seu trabalho, se aproximam do conceito e definição do ex-voto, porém, a questão da origem – ou seja, a desobriga feita em templos –, se perde quando o autor trata do referencial imaterial. Já no segundo exemplo, a vinculação com a questão originária é direta, pois a desobriga em sala de milagres se concretiza.

Outro autor que deu uma definição de ex-votos, mas que deixou fugir um pouco, a questão da origem, foi Souza Barros. Para ele, o ex-voto, além de objeto do folclore, é um componente cultural, legado ao “mundo subdesenvolvido”. (BARROS, 1977, p. 32)

A posição de Barros é reducionista em dois sentidos. Primeiro porque o ex-voto se instala no mundo das artes, da cultura do povo, da informação, memória social e discursiva, da história e da religião, fugindo, desse modo, do mero folclore. Segundo, porque a questão ex-votiva é encontrada em países, tidos como ricos, como França, Itália, Espanha, Portugal, mesmo os Estados Unidos, e faz parte do universo de diversas classes sociais e econômicas. Assim, esse objeto desperta interesses de pessoas e lugares isentos de

1. O caruru, muito popular na Bahia, é um cozido feito com quiabo, vatapá, arroz, frango cozido, que costuma ser servido, acompanhado de acarajé ou abará, peixe, de camarões secos, de azeite de dendê e de pimenta.

aspectos econômicos e classistas.

Outra questão, é se atentar aos ex-votos biográficos, aqueles que trazem o discurso, o texto, sejam pequenos, sejam grandes, que vão do bilhete mais simples, às cartas de três a quatro páginas. São formatos que elucidam, com mais clareza os fatos, os acontecimentos e a natureza do discurso, que o fiel quer comunicar. São formatos que registram histórias e memórias, com a ênfase de quem descreve os fatos com pormenores sintéticos ou prolongados.

Uma definição, que abrange ainda mais o conceito de ex-voto, e que, portanto, o caracteriza no campo da comunicação social, é dada por Raimundo Dall'Agnol. Em seu texto “O Ex-voto na Imprensa”, esse tema é conceituado como uma forma de comunicação, na qual ele é uma “expressão de comunicação de massa que torna público o favor obtido, através de um veículo de *mass media*, por dois motivos: a oferta de um produto artesanal ostensivo e de divulgação da graça alcançada, pelas colunas de jornais” (DALL'AGNOL, [196?], p. 1).

Para Dall'Agnol (Ibidem) as “mensagens votivas” e os agradecimentos, que se publicam nos jornais escritos, são ex-votos. Na verdade, nem todas essas mensagens são atitudes ex-votivas, que representam promessas feitas e, publicamente, cumpridas. O veículo jornal é o aporte dessas mensagens que, na maioria dos casos, são pedidos e orações. O fato de estarem em jornal, de serem orações e de atestarem o voto de fé, não significa expressamente serem ex-votos, pois, fora da sala de milagres e, principalmente, tomando aspectos apenas **votivos**, não se caracterizam como ex-votos.

Outros pesquisadores brasileiros, como Clarival do Prado Valladares, Luís Saia, Oswald de Andrade Filho e Mário Barata, antes dos autores já mencionados, tinham definições bastante aproximadas entre si e que elencaram os ex-votos como objetos da crença religiosa, desenvolvido artisticamente ou não, com o intuito de testemunhar uma promessa, um milagre, em santuários, capelas e cruzeiros.

De todas as definições, depreende-se que os ex-votos são objetos bi e tridimensionais colocados, cumprindo as desobrigas em igrejas, capelas, cemitérios, cruzeiros, grutas, e em publicações em jornais impressos, em cumprimento a um voto, uma promessa, ou simplesmente um estado de felicidade consagrado ao um santo. É, assim, que o objeto é entregue, após um voto formulado ao santo protetor. É o objeto-testemunho de graça alcançada.

EX-VOTO E DOCUMENTAÇÃO

O conceito de documento se liga à noção de testemunho de fatos, acontecimentos e

atitudes em um momento da história, sejam eles individuais, coletivos, políticos, econômicos etc. Esse conceito nos conduz às abordagens que a ciência da história permite, numa visão abrangente, fugir de definições estanques e restritas do termo “documentação”. São posições estanques que conduzem o conceito de documento a pedaços, maços e páginas de papéis encontrados em arquivos, bibliotecas, museus e repartições públicas e privadas, entre outras.

Um testemunho é um documento. Então ele está em todas as partes dos espaços ocupados pelo homem. O documento é um símbolo representativo das atitudes e do desenvolvimento de aspectos culturais. Ele está nas praças, ruas, corredores, lojas, no antes e no depois de um fato cultural. Ele está na igreja, no campo de futebol, no carnaval e muitos outros – senão em todos – fatos culturais.

O documento está presente em instâncias arqueológicas e antropológicas, denunciando vestígios os mais variados possíveis, ligados a fatores biológicos e químicos dos comportamentos humanos, encontrados nos sítios arqueológicos.

Esta noção de documento é ampliada, na antropologia cultural, com o conceito de “monumento”, no qual todos os vestígios do homem são monumentos, incluindo fósseis orgânicos estudados, hoje, pela biossociologia.

Para o antropólogo Ordep Serra (1991, p. 48), um simples ex-voto, humilde como uma mortalha de pano, é um monumento. Na realidade (ninguém é dono da verdade) há apenas a mudança de designação – de documento para monumento –, embora a antropologia tenha inserido novos objetos nesse conceito.

Documento, pois, é tudo. Ele marca um momento e proporciona ou confere significado para uma ação cultural, ou seja, o objeto-testemunho é um auxiliar do homem para identificar um fato cultural, ou não concretizado, mas que, antes de sua concretude, já faz parte e até mesmo antecede uma ação, fato ou ato cultural. Um grande exemplo está presente nas romarias: o ex-voto. Ele é um dos símbolos desse movimento de fieis – especialmente os católicos ligados à Igreja romana –, que seguem ou que retornam de lugares sagrados.

O ex-voto faz parte do conceito de crença. Em direção ao santuário, - antes da festa do(a) padroeiro(a), ele fica no cantinho da carroceria do caminhão pau-de-arara (Imagem 4). É apenas um objeto, visto por todos que participam da romaria, como um símbolo de “milagre”, uma “graça”. Esse ex-voto destina-se a ser o objeto-testemunho do bem alcançado, que o fiel pediu ao padroeiro ou padroeira.

Fora da Sala de Milagres, o pequeno objeto representa a reza, o fato gestual, como o e depósito e a desobriga. As pessoas no caminhão, que conduz os romeiros, olham-no e

compreendem a razão dele estar ali. Compreendem, ainda mais, que aquele objeto, dentro de algumas horas estará na Sala de Milagres do Santuário, destino da própria romaria.



Imagen 4. Caminhão pau-de-arara em Bom Jesus da Lapa.

Foto do autor. 1993.

O ex-voto, após a desobriga, é o testemunho documentado da crença religiosa. Ele, junto a tantos outros, no espaço da Sala de Milagres, é um *documento*, entre a variedade de tantos objetos, que representam vários testemunhos e que preenchem o espaço da sala com essa “documentação”.

E essa “*documentação*” representa a imensa e variada tipologia ex-votiva, testemunha da tradição e da origem remontada da Grécia antiga, antes de Cristo, cultura que os romanos herdaram e legaram ao mundo por eles latinizado.

EX-VOTO E ARTE

Originalmente o ex-voto é um objeto de arte, trabalhado em formas variadas por escultores, pintores e modeladores.

No curso da Idade Antiga, os romanos foram responsáveis pela difusão dos ex-votos escultóricos, colocados nos templos destinados aos deuses do Panteão. Era uma herança dos gregos, e os romanos difundiram a tradição ex-votiva. (ABDO, 1978, p. 48)

Na Idade Média, os ex-votos pictóricos foram pouco difundidos. Os de forma escultórica eram os mais conhecidos nos santuários disponíveis aos servos. Nessa época, as demonstrações individuais eram raras. Cederam lugar às grandes manifestações

coletivas de devoção e fé: as cruzadas, as peregrinações aos santuários famosos – como o de Santiago de Compostela -, e às grandes procissões propiciatórias. A arte sacra passou a ser monumental e anônima como aparecem nas catedrais góticas (ABDO, 1978, p. 49).

O ex-voto popularizou-se na Europa Central e Meridional, a partir do século XVII, principalmente sob a forma pictórica. No século XVIII concentraram-se, especialmente em países de concentração de católicos ligados a Roma, como Espanha, Portugal – na Península Ibérica – e França e Itália, onde sobreviveram, apesar das convulsões político-religiosas (ABDO, 1978, p. 49).

De Portugal esse costume foi trazido para o Brasil – mantendo o mesmo aspecto artístico –, a mesma disposição dos elementos no quadro, o mesmo processo de pintura à têmpera sobre madeira, sistema arcaico, abandonado desde o século XV, pelos pintores eruditos europeus.

No final do século XIX, no Brasil, os ex-votos foram trabalhados sob a forma de pintura, escultura, modelagem em barro e desenho. Nos finais desse século se iniciou o uso da fotografia, em contraposição aos desenhos e as pinturas, especialmente no que tangia à personificação das pessoas, principalmente, em relação ao retrato.

O ex-voto, portanto, chegou ao Brasil sob a forma artística, mantendo uma tradição, que foi levada à frente através da religião católica, implantada desde o descobrimento do Brasil, e reforçada pelo Concílio de Trento e imposta pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, de 1707. Os santuários passaram a ser, então, o palco principal da concentração e difusão ex-votiva, com um espaço específico, a Sala de Milagres, local recorrente em Bom Jesus da Lapa, pela representação da fé e da arte, testemunhadas pelos ex-votos.

Segundo Valladares (1967, p. 17), no campo artístico, o ex-voto caracteriza formas que guardam o estilo de tradição e a arte regional.

Na tradição, o mais frequentes, são as cabeças, os braços e as pernas, os pés esculpidos em madeira e, geralmente, envernizados. Os ex-votos se apresentam em variados tamanhos e dimensões, procurando aludir aos problemas enfrentados pelo fiel ou parente ao qual se referem as imagens. São os que se pode chamar de *ex-votos tradicionais*. (Imagen 5)



Imagen 5 - Ex-votos tradicionais escultóricos em parafina. Sala de milagres de Bom Jesus da Lapa.

Foto do autor. 2018.

Ao ex-voto tradicional pode-se legar também o conceito de ex-voto arquetípico, por ele estar diretamente vinculado à percepção daquilo que é uma promessa e um milagre, nomes populares dados aos ex-votos.

Assim, a cabeça, o braço e outros membros passam a ser arquétipos dos ex-votos, da promessa e do milagre, que são remetidos, instantaneamente, ao pensamento das pessoas, quando se fala das “graças”, dos “milagres”, “milagritos” (estes últimos na América hispânica). Em função disso, então, são tradicionais, por estarem relacionados aos típicos ex-votos, principalmente aos esculpidos em forma de cabeça, braços, pernas, pés e tórax, embora, hoje em dia outros membros sejam esculpidos. (Imagen 6)



Ex-votos do santuário de Bom Jesus da Lapa.
Destaque: Pernas e cabeças em madeira.

Imagen 6 -Ex-votos tradicionais escultóricos em parafina.

Foto do autor. 1992.

O ex-voto tradicional referencia, também, o pictórico, o ex-voto desenhado e pintado em tela – ou qualquer superfície lisa do porte de um papel ou tecido –, pelo “*riscador de milagres*²”, o indivíduo que vive da arte de pintar e desenhar milagres.

O ex-voto tradicional ganha esse conceito devido ao estereótipo, criado sobre ele, durante séculos, quando a tradição ibérica, mais precisamente lusitana, iniciou a criação de ex-votos em madeira representando partes e membros do corpo humano.

No Brasil, os ex-votos tradicionais – escultóricos e pictóricos – vêm dessa tradição lusitana, que remonta ao século XVI, no período das grandes navegações. Nessa época, as embarcações ou caravelas sofriam os malefícios dos mares, e as tripulações rogavam aos santos protetores a proteção contra os maus acontecimentos. Salvas de um possível naufrágio ou ataque de “monstros marinhos” ou piratas, as tripulações descreviam – em terra – as perigosas cenas que passaram a um pintor que, traçando os detalhes, as pintava sobre a madeira que, depois era depositada pelos marinheiros em uma igreja. Daí vem o termo *riscadores de milagres* aos artistas populares.

O ex-voto tradicional, praticado ainda hoje, ganhou novos materiais – como o gesso e a parafina –, que decorreram da revolução tecnológica, industrializados ou manufaturados, confeccionando membros do corpo humano ou de animais.

Ainda se encontram na linha tradicional, materiais, como fitinhas e mechas de cabelos – que são também votivas –, e levam o pensamento das pessoas a “promessas e milagres”. As fitas são usadas desde um tempo mais recente do que as mechas que, desde a Idade Antiga, eram usadas em desobrigas de promessas pelos gregos e egípcios.

Devido à extensão do território brasileiro e às diversidades culturais, há autores que focam o ex-voto, em sua diversidade, e considerando os regionalismos, a partir de determinadas situações geográficas, abrigando e classificando as tipologias locais.

Assim, para Márcia de M. Castro (1979), Clarival Valladares (1967) e Luís Saia (1944) identificaram que existiam os ex-votos de Minas Gerais, do Sertão, de São Paulo e os ex-votos africanos.

Para Márcia Castro (1979), o que predominava em Minas Gerais eram os ex-votos pictóricos. Tinha uma tal predominância que, quantitativamente, mostrava Minas Gerais como “o polo principal dos ex-votos pictóricos”, em tese, denominados Tábuas Votivas Mineiras (CASTRO, 1979, p. 111). (Imagem 7)

2. Termo cunhado por Clarival do Prado Valladares.



Imagen 7 - Ex-voto pictórico de Minas Gerais. Século XIX. Sala de Milagres do Santuário do Bom Jesus do Matosinhos. MG.

Foto do autor. 2016.

As tábuas votivas mineiras – à semelhança das portuguesas –, são quase sempre de aspecto de pintura ingênuo. Nelas é empregada a mesma técnica, igual disposição de elementos compositivos, em sua maioria, com os mesmos santos invocados. No primeiro plano destaca-se a figura do pagador da promessa no seu momento de maior aflição. Há o predomínio de quadros, que representam doentes que, muitas vezes, têm os cabelos cobertos por uma touca; a cama quase sempre é guarnecida de dossel vermelho e repuxado de modo a deixar entrever a cabeceira da mesma cama, com um barroco simples, recortado na madeira, com poucos entalhes e torneados. Travesseiros e lençóis são sempre brancos, caprichando o pintor nos detalhes das rendas e bordados, assim como nos desenhos da colcha adamascada, que dá um toque colorido ao conjunto (CASTRO, 1979, p. 111). (Imagen 8)



Imagen 8 - Ex-voto pictórico de Minas Gerais. Século XVIII. Sala de Milagres do Santuário do Bom Jesus do Matosinhos. MG.

Foto do autor. 2009.

Podem variar os pequenos detalhes, mas, segundo Castro (1979), dificilmente faltam ao ex-voto mineiro as inscrições que narram as doenças ou acidentes, como quedas de cavalo, coriscos, assaltos “ou quaisquer outros perigos por que passaram os ofertantes, sempre identificados pelo nome. Tampouco falta a imagem milagrosa ao alto, envolta em nuvens azuladas. Tem a preferência dos aflitos e o Cristo Crucificado, geralmente invocado como Bom Jesus do Matosinhos”.

Para a referida autora, esse esquema de composição pictórica, com poucas variações, prolongou-se até o fim do século XIX, quando a qualidade da pintura decaiu e os grandes santuários começaram a polarizar as devoções. Já o “milagre esculpido”, em madeira, assim como o de prata cinzelada ou fundida, dos tipos que se vê na Bahia, raramente, segundo Castro (1979), é encontrado em Minas. Embora em Minas Gerais haja formas escultóricas ex-votivas que trazem a figura humana com a expressividade da dor localizada.

Clarival do Prado Valladares, em seu clássico *Riscadores de Milagres: um estudo sobre a arte genuína*, de 1967, evidenciou os ex-votos do sertão, e deles teceu as características que fogem completamente aos ex-votos de Minas e de São Paulo.

Valladares, além de comentar sobre os ex-votos pictóricos, dedicou grande parte da sua obra aos aspectos dos ex-votos do sertão que, para ele, estão espalhados, em grande parte, pelas capitais nordestinas. Para esse pesquisador da cultura, os ex-votos do sertão são de extrema singeleza de forma e indicações, ao contrário dos de desenho e das pinturas narrativas dos *riscadores de milagres* de Minas Gerais. (VALLADARES, 1967, p.17)

Para o referido autor, os ex-votos do sertão adquirem riqueza plástica superior, chegando a coincidir com determinadas soluções, conscientemente atingidas na escultura contemporânea, e de semelhança pronunciada à escultura arcaica. “Enquanto o de tipo descriptivo, desenhado, procura comunicar-se, informando determinada ocorrência, o outro, resumindo à figura tosca, intenciona apenas uma reverência.” (VALLADARES, 1967, p.18)

Valladares (1967) referencia o sertão baiano, - principalmente a região de Monte Santo -, e o sertão Pernambucano, como os centros principais da feitura desse tipo de ex-voto que, em suas formas – e para o autor -, trazem o semblante do homem nordestino. (Imagens 9 e 10)



Imagen 9



Imagen 10

Ex-votos escultóricos do Nordeste do Brasil

Acervo Núcleo de Pesquisa dos Ex-votos

<https://projetoex-votosdobrasil.net/madeira/> . Acesso em 17 de setembro de 2022

Fotos do autor. 2017.

Luís Saia (1944), que se equipara à linha de Clarival do Prado Valladares, distinguiu o ex-voto da região Sul do Brasil, que, para ele, é era totalmente envolvido pela tradição ibérica, diferente do ex-voto do Norte-Nordeste, que, segundo o pesquisador, atendia aos estereótipos do povo do “sertão sofrido”. (SAIA, 1944, p.15)

Para Saia (1944) e Valladares (1967) os ex-votos do Sertão têm um atributo caracterizador, que é o hieratismo da figura, sempre submetida a relevante contrição. Para os dois autores, não é correta a informação de que o ex-voto do sertão seja apenas escultura primária, destituída de expressividade. A contrição, naquela excessiva gravidade,

é o ponto de aferição entre a figura humana e o seu relacionamento com o sobrenatural. É o olhar posto no absorto que se vê, tanto no ex-voto de feitura rudimentar, como nos lavrados por carpinteiros e marceneiros, alguns especializados, como os santeiros.

No caso dos ex-votos do sertão, a figura do próprio devoto se destaca na feitura do objeto, - como também se destaca a encomenda feita pelo crente aos santeiros -, carpinteiros e marceneiros.

Para Saia (1944), os ex-votos do sertão nordestino são divididos da seguinte forma:

- a. os representando o corpo inteiro,
- b. os de parte do corpo,
- c. os que mostram órgãos internos.

Todos são feitos com materiais específicos: madeira da umburana e com a utilização da cera de abelha. Isso é muito característico do sertão baiano. mas lembremos que a pesquisa de Luís Saia se passou entre as décadas de 1940 a 1960, quando o autor distinguiu, também, os tipos de esculturas ex-votivas, como a escultura católica tradicional, “cuja base conceptiva é a representação de um conjunto orgânico necessariamente completo” e a primitiva ou neoprátiliva, “que só interessa a indicação plástica dos símbolos das partes do corpo exigidas imediatamente pela destinação da peça” (SAIA, 1944, p. 18).

Além dessa distinção – como base de estudo –, Luís Saia destacou outro tipo de ex-voto: o africano. Para ele, “não se deve esquecer que a importância excepcional dada à cabeça entre os africanos é uma pista seguramente frutuosa para justificar a atual predominância quase absoluta entre os milagres”. (SAIA, 1944, p. 19)

Seguindo esse pensamento, Saia traçou um esquema e soluções técnicas dos ex-votos afro-negros, cujas principais características são as seguintes: o corte africano, o nariz, a solução cubista, dada a uma simplificação purista dos símbolos representados, o olho em baixo relevo, a fixação ideográfica de detalhes e a pintura. São pontos que, segundo Saia, advêm da arte africana, em consonância ao estereótipo dos povos de regiões da África. (SAIA, 1944, p. 19)

Luís Saia conclui o seu texto dizendo que

“embora esteja o milagre, do ponto de vista cultural, inserido na tradição católica, de modo nenhum se poderá classificá-lo como de arte religiosa e muito menos de arte católica; o seu estudo, entretanto, permite concluir que se trata de uma escultura mágica pelo funcionamento, autenticamente mestiço como fenômeno de arte e de tradição técnica afro-negra pela origem” (SAIA, 1944, p. 19).

Em seu trabalho sobre os ex-votos africanos, Luís Saia destacou a região pernambucana como a principal produtora desse tipo de ex-voto, embora tenha referenciado,

também, a região de Penedo (Alagoas) e o Recôncavo baiano (SAIA, 1944).

O aspecto tradicional do ex-voto é patente. Há uma tradição instalada, tanto do ponto de vista da crença, quanto do fazer artístico. As formas dos ex-votos escultóricos e pictóricos são diretamente relacionadas aos termos “milagre” e “promessas”, e concretizam, portanto, a questão das figuras arquetípicas.

O caráter regional do ex-voto, porém, não é determinante. Difundido por alguns pesquisadores brasileiros – como os acima aludidos –, os ex-votos estariam em categorias que se enquadrariam no fazer artístico característico de determinadas regiões, porém, é de se notar que, com a difusão da tradição ex-votiva, com o alto ritmo da religiosidade brasileira, o ex-voto não pode assumir características determinadas rígidas.

É bem verdade que as pesquisas de Saia (1944), Valladares (1967) e Castro (1979), que ocorreram nas décadas de 1940, 1960 e 1970 respectivamente, não acompanharam o crescimento do ritmo religioso e artístico dos ex-votos. Pode-se, portanto, considerar que ex-votos conceituados como mineiros existem em razoável quantidade na Bahia e em Pernambuco e os ex-votos do sertão são encontrados em demasia no Estado de São Paulo, como também os ex-votos de São Paulo podem ser vistos na Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Minas Gerais, respectivamente.

Poder-se-ia dizer que, em alguns locais, traços regionais são preservados na feitura do desenho, da escultura e da pintura, mas que, com o aumento do movimento das romarias, uma difusão dos tipos e categorias é provocada, inclusive, com a migração de *riscadores de milagres*, escultores e produtos comercializados nacionalmente.

Hoje, é comum ver ex-votos escultóricos na sala de milagres do Nossa Senhor do Matosinhos, em Congonhas do Campo, Minas Gerais, como também são bastante evidentes os ex-votos pictóricos, as tábua votivas com suas descrições, na Basílica do Senhor do Bomfim, em Salvador, na Bahia. Pode-se notar, também, todas as formas e tipos reunidos na maior Sala de Milagres do Brasil – a da Basílica de Nossa Senhora Aparecida –, em Aparecida, São Paulo, em cuja parte externa, próxima à Esplanada, encontram-se artistas de todas as modalidades e de vários Estados brasileiros fazendo ex-votos.

Quanto à categoria africana do ex-voto, poder-se-á refletir sobre a tradição da escultura ex-votiva, iniciada nos séculos XVIII e XIX aqui no Brasil, por escravos africanos, e que hoje é testemunhada em regiões que produzem o ex-voto do sertão.

Também neste caso dos ex-votos afro-negros, poder-se-á dizer que a aparente forma, pesquisada pelos estudiosos brasileiros, está além do sertão baiano e pernambucano, locais mencionados pelos pesquisadores que trabalharam o assunto. Na região de Salvador, na Bahia, encontram-se formas que se aproximam dessa categoria.

Dante do estudo sobre os ex-votos, não há marcos determinantes que possam abranger tipos e categorias. Há, sim, uma questão de origem, e que deve ser a base para a conceituação e definição desses objetos, o espaço do santuário, a Sala dos Milagres. Há a questão do testemunho, que faz do ex-voto uma fonte rica para o estudo da história. E existe um ponto fundamental, que é o quesito da arte, cuja importância é elucidar esse objeto nos campos da pintura, do desenho, da escultura e de outras bases que os fiéis estão buscando.

A VISÃO DO OBJETO ARTÍSTICO

Objeto de arte é tudo aquilo que resulta da capacidade que as pessoas têm de, dominando a matéria, expressar plasticamente uma ou mais ideias.

O objeto de arte possui várias funções na sociedade. Pode ser ele um objeto de valor econômico, como é o caso das chamadas grandes obras de artistas de pintores e escultores famosos que, dentro da economia de mercado, entraram no circuito, nas transações dos *Marchands*, nos leilões e nas galerias.

Pode ter caráter utilitário ornamental que corresponde, por exemplo, à arte decorativa, que é eminentemente auxiliar em cenários domésticos, sociais, trabalhistas ou eventos.

O objeto de arte pode ter importância política, ou ser interpretado como tal, como casos de trabalhos de crítica apreendidos, por regimes autoritários, como casos ocorridos em países totalitários, a exemplo da ex-URSS e seus países satélites. Casos também ocorridos na China Popular, na década de 1960, quando muitos autores tiveram seus trabalhos censurados pela Revolução Cultural, que procurou a arte apenas através do realismo socialista. Do mesmo modo, a nível de repressão, o Brasil no período de 1964, quando do golpe militar e 1968, com o AI-5 e o fechamento e confisco de obras de arte da II Bienal da Bahia.

O objeto de arte é, acima de tudo, um objeto social. Além de ser produzido em sociedade, ele é visto nas feiras livres, como as redes de descanso, os potes de cerâmica, os cestos de fibras de Ouricuri, os trançados dos chapéus etc., quanto em galerias. Encontram-se desde objetos utilitários até paisagens *kitsch* e obras primas, tão ao gosto popular e erudito.

No sentido mais amplo, o objeto de arte tem dupla função: a econômica, como forma de sobrevivência do artista, e a social, ligada ao reconhecimento do artista e do objeto na sociedade.

Além dessas funções, que o objeto de arte tem, carrega em si características que o impõem como expressão artística, princípios que o elevam ao racional, na procura do domínio da matéria, da perfeição, com o intuito de buscar ou criar sinais, marcas, formas e conhecimentos bem diversos.

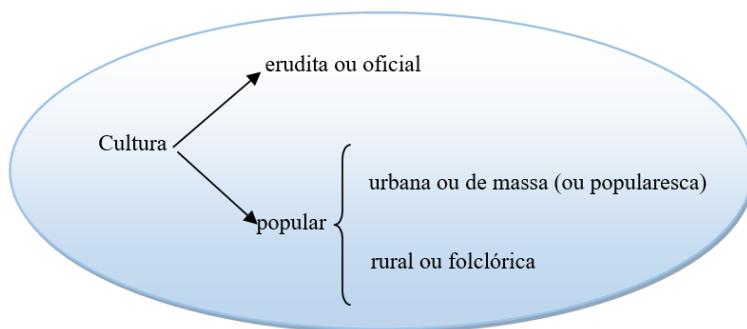
A arte tem, assim, um ofício que poderíamos chamar de conhecimento, de aprendizagem, pois ela – através da busca da sensibilidade, em suas variadas funções – tece seus vários motivos comunicacionais, com o fim simples de mostrar ao mundo alguma coisa, algo guardado na mente do artista, algo transmitido por um oculto “*riscador de milagres*”, algo expresso numa escultura de mestre popular, nos projetos arquitetônicos e tantos outros sujeitos que pintam, tecem, costuram, bordam e criam projetos.

As várias formas dos objetos de arte lançam informações especificamente dirigidas. Dependendo da sociedade, varia de função. É o caso dos ex-votos que, de uma sala de milagres, podem ser levados para museus, galerias ou até mesmo à sala de visitas de um leigo colecionador, como objeto decorativo, mas as obras de arte, no Curso da História, sofreram divisões e bipolaridades, fazendo com que os seus próprios objetos sofram distinções, no campo artístico, que englobaram, principalmente, a pintura e a escultura.

Para se compreender essa bipolaridade na arte, é necessário revelar os conceitos de cultura popular e cultura erudita.

O estudo da cultura, da história, da economia, da arte e, enfim, das humanidades, tem sido do domínio predominantemente erudito. Foi com o folclore, inicialmente, através dos movimentos românticos, que o valor das coisas populares ganhou realces.

Enquanto predominavam os meios de comunicação tradicionais – a transmissão direta e participante -, o erudito e o popular estiveram nítidos e distintos. Atualmente já se torna um tanto difícil conceber a cultura apenas com esses polos. O esquema 1 abaixo ilustra a questão:



Esquema 1

Processo da cultura popular

No caso, teríamos uma cultura oficial ou erudita que comprehende tudo o que é aprendido nas escolas, nas universidades. Sua forma de difusão predileta é a escrita, o formalismo e possuidora de certa sacralidade. Talvez se possa identificá-la com a cultura hegemônica, isto é, a cultura que corresponde a cosmovisão das classes dominantes de cada nação.

A cultura popular, por sua vez, antes da explosão urbanística, era fácil de se identificar. Correspondia a toda cultura espontânea cultivada pelo povo, isto é, ligada à tradição oral, livre, profana, extravagante e coletiva, e que, de forma simplificada pode-se dividir em uma predominantemente urbana e outra predominantemente rural.

É a partir dessa distinção entre cultura popular e erudita, que a arte é bipolarizada, formando, além da divisão entre erudito e popular, distinções entre belas artes, arte maior, arte menor, arte decorativa, artes gráficas, artes plásticas, obras primas, arte popular e utilitária, artes aplicadas.

É, principalmente através da arte, que o ex-voto se expressa como testemunho de vários tipos de atitudes do homem, elucidando as ambições, o medo, a felicidade, o amor, etc. Essa expressão, também vista em bilhetes, cartas, objetos industriais e orgânicos, está nas maquetes, nas esculturas das cabeças, braços e corpos inteiros e uma infinidade de tipos ex-votivos que testemunham o desejo conquistado.

Os ex-votos são um dos raros meios de investigação, no mundo do silêncio daqueles que não sabem escrever (VOVELLE, 1987). Eles são uma fonte rica de investigação. Levam-nos aos segredos das consciências da sociedade, dos momentos mais íntimos, do cotidiano dos indivíduos, dos valores que permeiam o contexto social.

Expostos em uma sala de milagres, eles demonstram a fé, a crença, a procura de comunicação do fiel com o seu padroeiro. A exposição em uma sala de milagres nos leva, de imediato, à religiosidade das gentes; pessoas que vêm de longe, em diversos meios de locomoção, para pagar ou pedir uma graça.

Numa sala de milagres se percebe a grandeza da fé, a dimensão da religião católica, que se estende a lugares distantes, que não tem obstáculos, que impossibilitem aos devotos cumprir a sua desobriga.

O ex-voto, como já foi referenciado, pode ser qualquer objeto. Em sociedade, ele é objeto de comércio, que se encontra à venda, em pequenas barracas e carros de mão, à frente dos santuários, que vendem principalmente os tradicionais ex-votos de parafina, e que mantêm a renda daqueles que vivem do seu comércio. (Imagem 11)



Imagen 11 - Vendedora de velas e ex-votos, com o seu carro de mão. Bom Jesus da Lapa.

Foto do autor. 2018.

Nesse comércio apenas os ex-votos tradicionais são reconhecidos como “promessas” e “milagres”. Os não tradicionais só ganham as características de ex-voto, quando em desobriga, na sala de milagres. Isto pode acontecer com vestidos, chapéus, capacetes, reproduções de pinturas de santos, cartas, bilhetes, placas de carro, relógios, mechas de cabelo, garrafas, CDs, DVDs, pen drives, óculos, miniaturas de carros, entre muitas outras coisas que, mais recentemente, são ofertadas e deixadas nas Salas de Milagres. (Imagen 12).

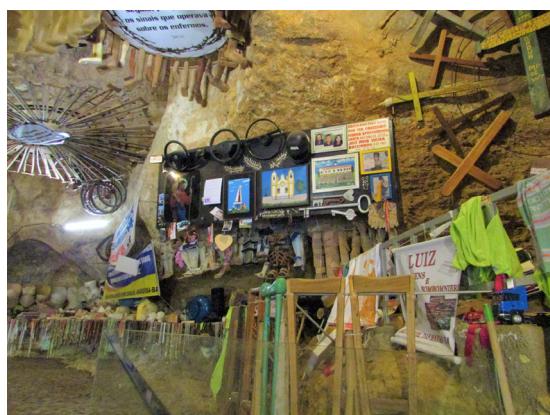


Imagen 12 - Variação da tipologia dos ex-votos. Sala de Milagres de Bom Jesus da Lapa.

Foto do autor. 2018.

Ao lado do comércio, em grandes santuários pelo Brasil, existem os artistas, os *riscadores de milagres* e os santeiros, pessoas que ganham a vida fazendo ex-votos. Normalmente são pessoas reconhecidas, socialmente, por sua habilidade em executar esse tipo de manufatura.

Nos dias atuais, o que mais se vê - próximo ao Santuário de Bom Jesus da Lapa, são barracas e boxes, que vendem ex-votos de parafina, complementadas por lojas com placas indicando a venda de “promessas”, a maioria de cera. Em alguns casos, os próprios donos dos armários, lojas e barracas fabricam os ex-votos de parafina. Em outros casos, esses objetos, vêm de fábricas das regiões de Salvador, Bahia; Juazeiro do Norte, Ceará; Nossa Senhora Aparecida, São Paulo.

Em Bom Jesus da Lapa, não há *riscadores de milagres* ou artistas, que pintem quadros ex-votivos, ao contrário de santuários, como Congonhas do Campo, em Minas Gerais e Aparecida do Norte, São Paulo, que possuem esse tipo de artista que foi, até a década de 1960, o principal produtor das cenas descritas nos ex-votos pictóricos.

Um grande exemplo de ex-votos pictóricos, do final do século XIX e início do século XX, está no Museu dos Ex-votos da Basílica do Senhor do Bomfim. Lá encontram-se dezenas de quadros, feitos por *riscadores de milagres*, a maioria deles de autoria de João Duarte da Silva, apelidado de Toilette di Flora, que produziu até a década de 1940, um grande número de telas, ainda hoje, apreciadas (SILVA, 1981, p. 57). (Imagem 13)



Imagen 13 - Ex-voto pictórico. Século XIX. Museu do Santuário do Senhor do Bomfim. Salvador – Ba/Br.

Foto do autor. 2014.

João Duarte da Silva, escultor de Bom Jesus da Lapa, que trabalhava por encomenda, e outros tantos *riscadores de milagres*, perderam espaço para outras técnicas, especialmente para a fotografia e, consequentemente, para os fotógrafos anônimos, que se instalaram à frente dos santuários para fotografar indivíduos e famílias que, para visita ou “pagamento de promessas”, fazem suas imagens fotográfica para recordação do santuário ou mesmo tê-las como ex-voto.

A fotografia, uma das invenções do século XIX, teve papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e, também como forma de expressão artística (KOSSOY, 1989, p. 14).

Foi a partir do século XX, que pintores tiveram à concorrência dos fotógrafos que, por encomenda, faziam retratos de pessoas e do cotidiano da cidade e também passaram a trabalhar como documentadores em expedições de naturalistas.

Nesse processo da fotografia, os ex-votos, a partir da década de 1950, não ficaram ignoradas. Foi a nessa época que o número de *riscadores de milagres* começou a diminuir. A popularidade da fotografia propiciou a inusitada possibilidade de autoconhecimento e recordação, de criação artística e, portanto, de ampliação dos horizontes da arte, de documentação e revelações graças a sua natureza testemunhal e, justamente, em função deste último aspecto ela se constituiria, também, para romeiros, devotos e visitantes de santuários, em ex-voto.

As pessoas passaram a retratar acidentes automobilísticos através de fotografias, depositando-as em salas de milagres. Cerimônias de casamento e reuniões de família também foram e são ainda fotografadas e colocadas nas salas de milagres. O maior número de ex-voto fotográfico fica a cargo das fotos 3X4 que, em quantidade nas salas de milagres de Bom Jesus da Lapa e do Nosso Senhor do Bomfim, na Bahia, Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo, apenas para citar esses três exemplos, é de número assustador e que supera a quantidade de qualquer outro tipo de ex-voto. (Imagen 14)



Imagen 14 - Ex-votos fotográfico. Painel de fotos 3X4. Santuário de Bom Jesus da Lapa.
Foto do autor. 2018.

O santeiro é outro personagem que ganha, mesmo que muito pouco hoje, com a fé ex-votiva e que se projeta como profissional criador de objetos sacros.

O santeiro não é, necessariamente, *riscador de milagres*. Seus santos podem ter outros fins, que não sejam uma sala de milagres. No caso de Bom Jesus da Lapa se encontra em abundância santinhos, bem trabalhados, vindos das regiões de Canindé, no Ceará, e Caruaru, em Pernambuco, regiões que têm tradição na arte escultórica de santos, sejam modelados em barro, sejam esculpidos em madeira. A grande maioria dos santinhos, no entanto, vendidos na atualidade é proveniente das indústrias paulistas. São os santinhos de gesso, produzidos em série, e que se, nesse campo, a partir do final da década de 1950, no Estado de São Paulo.

Com essa industrialização dos santinhos, o santeiro e o *riscador de milagres* perderam muito do seu campo de trabalho. Tanto é que, em Bom Jesus da Lapa, existe apenas um santeiro anônimo que, inclusive, faz santinhos apenas por encomenda, se negando a vendê-los próximo do Santuário ou em qualquer armário ou barraca.

O artista, que não faz santos ou ex-votos tradicionais, se projeta diante da crença

como poucos profissionais da área, pois a variedade de objetos é grande. Carrancas de todos os tamanhos, miniaturas do santuário e estatuetas diversas compõem a produção de artistas locais lapenses, com pouca divulgação fora da sua cidade.

Cosmo Duarte, com armário e ateliê no centro da cidade de Bom Jesus da Lapa, já exportou carrancas até para o exterior. Já expôs no Instituto Mauá, em Salvador, e é muito conhecido em sua cidade. Das suas peças, que se destacam como ex-votos, estão as pequenas carrancas e as miniaturas do santuário. Todas são em madeira policromadas, que o artista não esperava estarem na Sala de Milagres do Santuário da sua própria terra.

EX-VOTOS DA SALA DE MILAGRES DO SANTUÁRIO DA LAPA

Obrigado meu Deus

Por ter concedido

Minha aposentadoria

Santo Antonio de Jesus Ba

José Mota Vieira 10-03-1961

DATA – 25-12-2015

A CIDADE E O SANTUÁRIO

Bom Jesus da Lapa é o resultado do povoamento feito em torno de um cerro. Há também um rio que, mesmo sendo o colossal São Francisco, é no caso, um acidente geográfico pouco notado pelos primeiros lapenses como fator de colonização. Um vazio de várias centenas de metros, ante a indiferença que ainda hoje persiste, separa-o, ou melhor, isola-o da cidade. (Imagen 15)

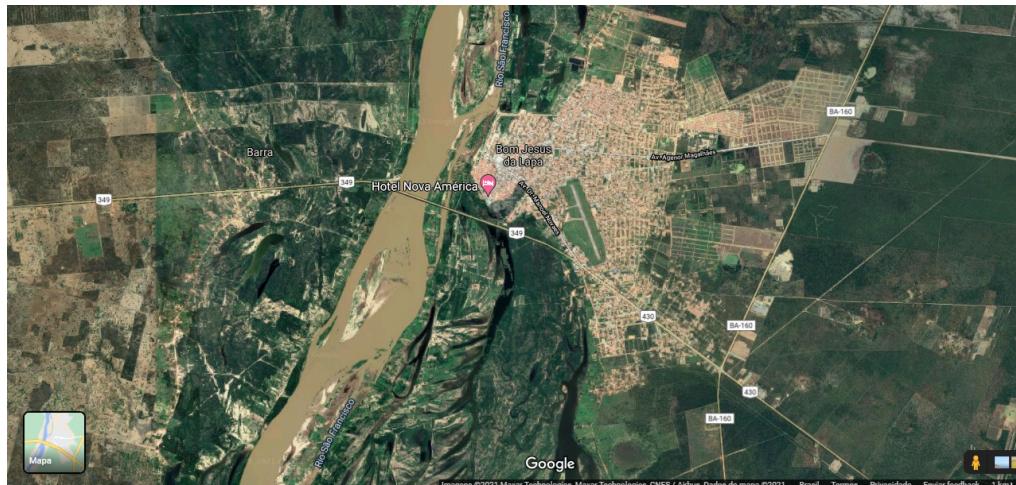


Imagen 15 - Aspecto geográfico de Bom Jesus da Lapa.

Fonte: Google Earth, 14 jun. 2021

O monte calcário da cidade concentrou todas as atenções. Casas surgiram a seu pé, voltadas para ele. É o morro da Lapa com seus muitos encantos e as lendárias grutas, onde se acha um Santuário, o de Bom Jesus. (Imagen 16)

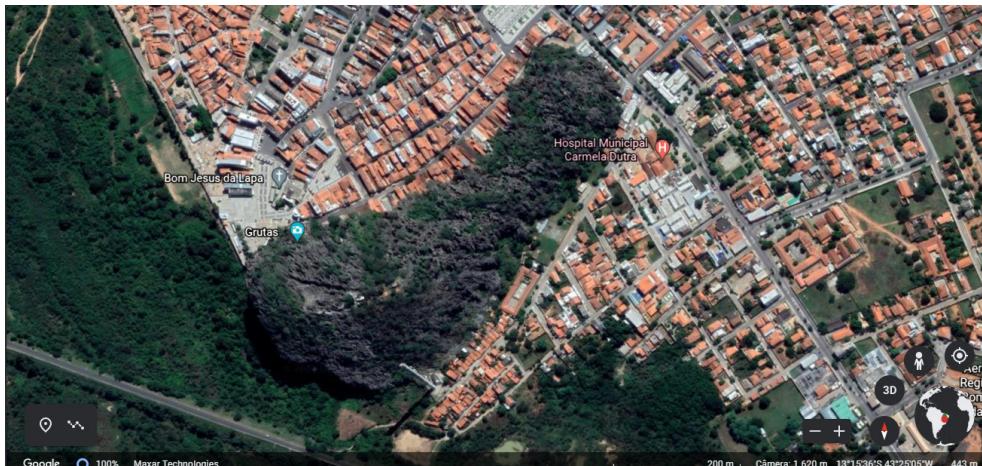


Imagen 16 - Vista aérea do morro do Bom Jesus da Lapa.

Fonte: Google Earth, 14 jun. 2021

Teria sido Duarte Coelho, o capitão donatário de Pernambuco, o primeiro a visitar o morro, quando em viagem de exploração, entre os anos de 1543 a 1550. (CARNEIRO, 1905, p. 48)

Os componentes da primeira bandeira, organizada em 1553, pelo primeiro Governador Geral, Thomé de Souza, chefiada pelo espanhol Francisco Buzzia Espinosa, da qual também fazia parte o jesuíta Aspicueta Navarro, que chegou a conhecer a gruta. E o bandeirante Belchior Dias Moreira, o Muribeca, deixou sinais de sua passagem nas inscrições, que fez no teto da sala de milagres, desaparecidas no incêndio de 1903, e nas que se conservam ainda hoje, no lado do cerro, e que teriam sido escritas no ano de 1602. (CARNEIRO, 1905, p. 57)

A partir de agosto de 1663, o mestre de campo, Antônio Guedes de Brito, passou a ter poder na área, compreendida entre o Morro do Chapéu e as nascentes do rio das Velhas. (SARMENTO, 1987, p. 85)

Para entrar na posse dessas terras, Antônio Guedes de Brito organizou, imediatamente, uma bandeira de duzentos homens com a incumbência de criar fazendas de criação de gado. Uma dessas foi a do Morro – depois chamada Bom Jesus da Lapa –, que os indígenas conheciam como Itaberaba, que significa pedra formosa e resplandecente.

As terras do mestre de campo, Antônio Guedes de Brito, com 160 léguas de extensão, eram divididas em sítios, geralmente de uma léguas, muitos deles aforados à razão de dez mil réis por ano.

Após sua morte, e repartidos os bens entre seus herdeiros, a propriedade de

tão vastas dimensões foi sendo vendida, ficando com os sesmeiros apenas as terras aproveitadas para o plantio do buriti¹. “Outra parte das terras passou a ser considerada como terras devolutas” (CARNEIRO, 1905, p. 60).

No intervalo de tempo, que vai de 1670 a 1745, pouco se sabe sobre a história do povoado.

Em 1750, havia um arraial de cerca de 50 casebres de taipa de barro cobertos de palha. Cem anos depois, em 1852, um grupo de geólogos austríacos – em relatório escrito sobre a região de Bom Jesus da Lapa e de São Francisco –, conta que o arraial da Lapa tinha 128 casas, com duzentos e cinquenta habitantes sedentários. (CARNEIRO, 1905, p. 68) Dezoito anos depois, a Lapa era considerada Distrito de Paz e possuía delegacia e cerca de 405 casas habitadas por 1.400 pessoas.

O arraial de Senhor Bom Jesus da Lapa foi elevado à categoria de vila, com a mesma denominação, pelo Ato Estadual, de 18 de setembro de 1890, assinado pelo então Governador do Estado da Bahia, Dr. Virgílio Clímaco Damásio que, também, criou o respectivo município, formado pelos distritos da Lapa e Sítio do Mato, por desmembramento de território do município de Urubu, depois Rio Branco e atual Paratinga. Sua instalação ocorreu a 7 de janeiro de 1891. (Enciclopédia dos municípios brasileiros, 1960, p. 24)

Segundo a divisão administrativa do Brasil, de 1911, Bom Jesus da Lapa era município com distrito único, do mesmo nome. A sede foi elevada à categoria de cidade por efeito da Lei Estadual nº. 1.682, de 31 de agosto de 1923.

Face aos Decretos Estaduais nºs 7.455, de junho de 1923, e 7.479, de julho do mesmo ano, seu topônimo, - Senhor Bom Jesus da Lapa -, passou a ser denominado, simplesmente, Lapa, que se configurou na divisão administrativa do Brasil daquele ano, composto de dois distritos: Lapa e Sítio do Mato. (SEGURA, 1937, p. 73)

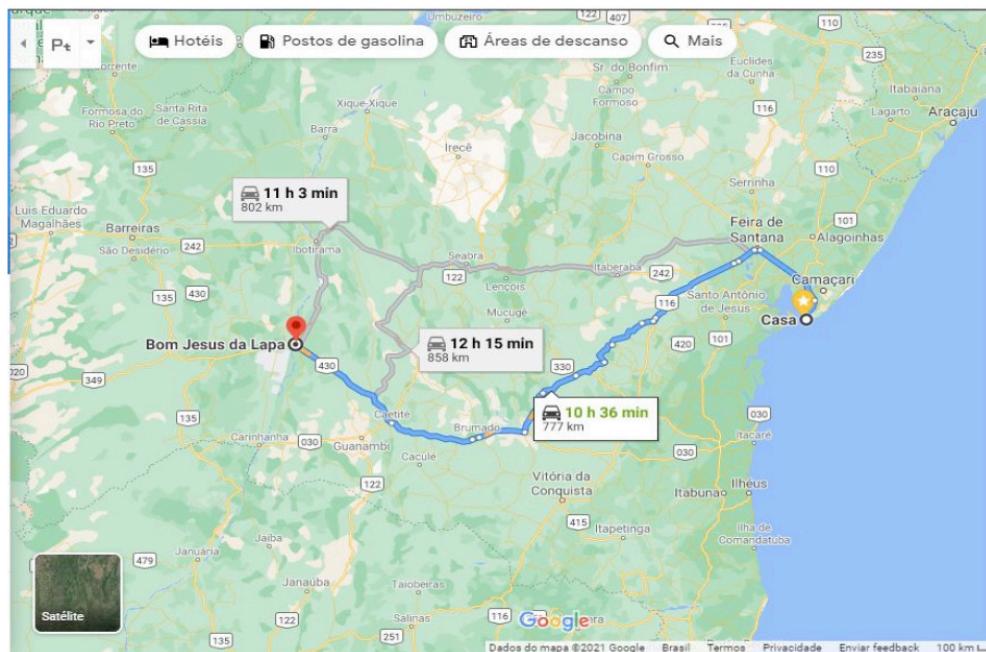
Por força do Decreto nº. 9.571, de 22 de julho de 1935, a cidade recobrou a denominação de Bom Jesus da Lapa. Pela Lei nº. 628, de 30 de dezembro de 1953, foi criado o distrito de Gameleira da Lapa, passando o município a constituir-se dos seguintes distritos: Bom Jesus da Lapa, Gameleira da Lapa Sítio do Mato.

O Município está situado na região Centro-Oeste do Estado da Bahia, na zona fisiográfica do médio São Francisco, com território totalmente abrangido pelo polígono das secas.

A sede municipal, de Bom Jesus da Lapa, está no rumo Oeste-Sudoeste, partindo

1. Espécie de palmeira, também chamada *Mauritia flexuosa*, que pertence à família botânica da *Arecaceae*, cujo fruto produz uma polpa que dá origem ao “vinho” de buriti. Além da principal denominação, é também conhecido como *buritizeiro*, *miriti*, *muriti*, *buriti-do-brejo*, *caraná* e *buritirana*. Ainda muito encontrado na região de Bom Jesus da Lapa. Informações trazidas no InfoEscola: <https://www.infoescola.com/plantas/buriti/#:~:text=Buriti%20%C3%A9%20uma%20esp%C3%A9cie%20de,entre%20os%20seus%20nomes%20populares>. Acesso em: 17 de setembro de 2022.

da capital do Estado, da qual está distante, em linha reta, a 509 quilômetros, e com duas opções de estradas, saindo da capital baiana, está em 802, 858 ou 777 quilômetros. (mapa 1)



Mapa 1 - Distância entre Bom Jesus da Lapa e Salvador, capital da Bahia.

Fonte: Google Maps, 14 jun. 2021.

A altitude da cidade é de 433,819m., segundo se vê na placa, cravada junto à sede municipal, do canto direito da igreja matriz, pelo Conselho Nacional de Geografia (ENCICLOPÉDIA, 1960, p. 25). A posição da Lapa é indicada; pelas seguintes coordenadas geográficas: 13° 15'02" de Latitude Sul e 43° 25'44" de longitude a Oeste de Greenwich. Limita-se com os municípios de Paratinga, Macaúbas, R. de Santana, Barra, Carinhanha, Santa Maria da Vitória e Angical.

O Município possui uma das maiores áreas do Estado da Bahia, de cuja superfície ocupa 1,85%. Tem 10.269 Km² e é o décimo primeiro município baiano em extensão territorial.

Pelo censo do IBGE, de 1991, Bom Jesus da Lapa contava com 48.910 habitantes. E, em 2020, contava com 69.662 habitantes².

2. Informações atualizadas no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/bom-jesus-da-lapa.html>. Acesso em 17 de setembro de 2022.

O território do município é quase todo plano, surgindo, de vez em quando, no meio das planícies ou tabuleiros, alguns montes de feições típicas, muito interessantes. O principal deles é o morro da Lapa com suas inúmeras grutas.

O principal rio, como foi dito, é o São Francisco, que percorre 156 quilômetros dentro do município, inteiramente navegáveis por pequenas embarcações. Embarcações maiores não o navegam pelo fato de o rio ter muitos bancos de areia, fruto do desmatamento que ocorre próximo às margens do *Velho Chico*.

A cidade de Bom Jesus da Lapa ainda está edificada ao pé do morro. É interessante ver-se como as casas se acotovelam, cerradas junto à vertente norte do morro.

O morro tem cerca de 90 m. de altura com forma alongada na direção Leste-Oeste e contém inúmeras grutas, lapiez, pontes naturais, enfim, todas essas formas bizarras que tão bem caracterizam o relevo calcário (Imagem 17).



Imagen 17 - Vista do morro e da torre da igreja de Bom Jesus da Lapa.

Foto do autor. 2018.

No cume do morro ostenta um Cruzeiro de cimento armado, de 12 m. construído em 1935, pela Igreja Católica. O Cruzeiro serve de marco da igreja e, também, de local de visita dos romeiros, onde à base da cruz os devotos acendem velas e fazem orações. (Imagen 18) (SEGURA, 1937).



Imagen 18 - Cume do morro do Bom Jesus
Foto do Autor. 2018.

Próximo ao Cruzeiro está uma torre de sinalização, com uma luz vermelha, visível à distância de 3 a 36 quilômetros e que tem como objetivo principal sinalizar para os aviões.

Degraus e pequenas pontes, construídos em 1937, permitem atingir todos os pontos do morro, o que facilita, também – a subida diária dos técnicos das empresas de telefonia para manutenção das estações de recepção –, localizadas bem próximo ao cruzeiro. As instalações das torres datam de 1978, com a então Telebahia, estatal telefônica do Estado da Bahia. Hoje, mais de uma empresa de telefonia está presente na cidade e região.

A par do extasiante aspecto extremo de sua forma, que à distância conveniente, por uma perfeita ilusão óptica, representa uma procissão, onde se destacam padres e fiéis em uma missa que a própria natureza esculpiu no calcário, o morro vai atraindo olhares curiosos pela beleza que possui. (Imagen 19)



Imagen 19 - Esculturas no cume do morro do Bom Jesus.

Foto do autor. 2018.

O MONGE E O MORRO

A história do morro e de suas grutas é a história fantástica de Francisco Mendonça Mar que, em 1691, se dirigiu a pé, de Salvador para o Centro-Oeste baiano, indo parar no morro que se tornaria, um ano depois, um santuário de peregrinações.

A vida de Francisco Mendonça Mar, na Bahia, começou em 1679, recém-chegado de Portugal, de onde era natural, quando tinha a idade de 22 anos. Em Salvador, viveu trabalhando como ourives e depois pintor por cerca de doze anos. Cumpriu penitência que ele mesmo escolheu – em confissão –, despojou-se de todos os bens, que distribuiu em esmolas, e saiu a caminhar sertão adentro apenas com a veste do corpo, conduzindo uma imagem do santo preferido: Senhor Bom Jesus, de aproximadamente 35 centímetros. (Imagen 20)



Imagen 20 - Bom Jesus

Foto do autor. 2018.

Caminhou a pé vários meses até encontrar o morro. Entre o chão firme e o rio São Francisco, havia algumas palhoças de índios tapuias. “Mais além, distante uma légua, no lugar que até hoje se chama Itaberaba, havia três grandes currais pertencentes à sesmaria de Guedes de Brito. Outros havia no Curralinho, em Urubu, hoje Paratinga, bem assim uma capela edificada desde 1680 – a capela de Santo Antônio – ao que se sabe a mais antiga do sertão do alto São Francisco”. (SEGURA, 1937, p. 23).

Instalado como queria, na caverna mais oculta, no alto do morro por entre cactos, aí fez residência única e definitiva. Mesmo assim, escondido, retirado da civilização, recluso, foi encontrado por caçadores de couro e outros viandantes da região. Espalhou-se logo a notícia de que, no sertão da Bahia, um estranho homem, levando vida de santo, habitava sozinho uma linda gruta.³

Nos dez anos que se seguiram, isto é, de 1691 a 1700, a bandeira de Mathias Cardoso, e seu lugar-tenente, Pº. Antônio Figueiras, e as bandeiras de João Amaro Maciel, Bartolomeu Bueno Filho, Domingos Rodrigues de Prado e a dos Irmãos Bicudo, por lá

3. Há contradições quanto à datação, que indica a chegada e permanência de Francisco Mendonça Mar, ao Brasil. Como também existem versões diferenciadas da sua chegada ao morro da Lapa, fatos que são mais esclarecedores com a consulta dos documentos manuscritos do Arquivo Estadual da Bahia, em Salvador, e da Torre do Tombo, em Portugal.

passaram e tiveram oportunidade de conhecer aquele que viria a ser um monge. (SEGURA, 1937, p. 25)

Desde então, alvo de curiosidade, a princípio, e depois, da mística religiosa, o morro passou a ser ponto de afluência de viajantes, aventureiros e curiosos. Algumas casas foram construídas bem próximas ao morro (CARNEIRO, 1905, p. 73).

O morro tem entrada no lado do poente. Internamente tem vasto salão de 38 m², com um altar dourado, do Bom Jesus da Lapa. O teto é entremeado de sulcos de calcita cristalizada. No lado, vê-se uma estalagmite de 1,10 m de altura, com 1,60 m de circunferência perfeita, que é usada como pia batismal, desde 1936. (Imagen 21)

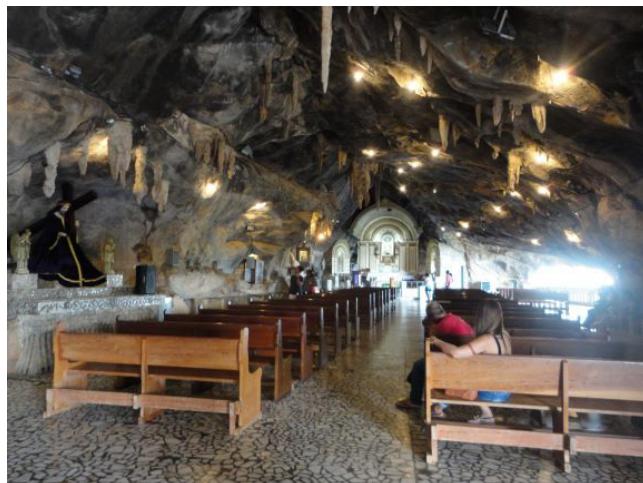


Imagen 21- Igreja principal incrustada na entrada do morro.

Foto do autor. 2018.

Nota-se, ainda, um autêntico Monte Calvário, em cuja abertura, Francisco Mendonça Mar colocou o crucifixo, que trazia, de dimensões proporcionais a ele. Em um canto, escondido, está pendurado um fonolito que serve de sino. Produz cinco ou seis sons diferentes muito agradáveis. Na parte externa fez-se uma fachada de tijolos, que tem à frente a espaçosa esplanada. (Imagen 22)

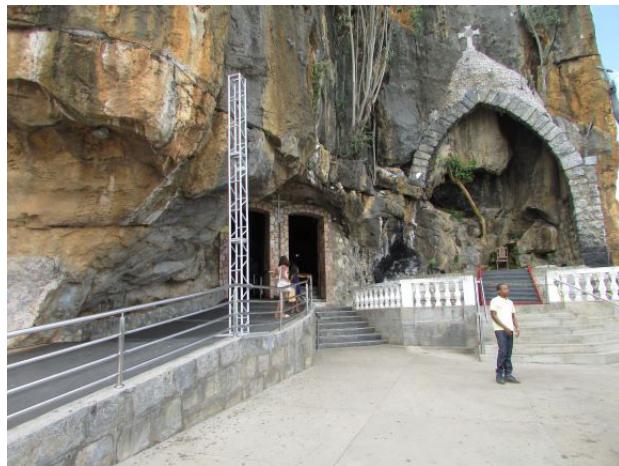


Imagen 22 - Parte externa. Fachada de tijolos, parcial da espaçosa esplanada. Santuário de Bom Jesus da Lapa.

Foto do autor. 2018.

O SANTUÁRIO

A palavra santuário vem do latim *Santum Santorum*, que quer dizer santos dos santos. Santuário é o templo, ou o edifício consagrado às cerimônias de uma religião, lugar santo em geral. Em sentido restrito ele significa a parte da igreja, onde se celebram as missas. Santuário é o lugar recôndito ou vedado ao público, destinado a guardar ou conservar objetos dignos de veneração.

O Santuário da Lapa acumula alguns bens e riquezas, “mas também tem consciência de não desperdiçar aquilo que é patrimônio dessa entidade religiosa” (KOCIK, 1985, p. 18). O Santuário dá apoio à saúde do lapense, carente e de quem chega necessitado, colabora com obras sociais, possui terras, onde emprega lavradores; está conveniado com entidades internacionais de assistência social e, enfim, administra toda a área do morro, que traça a devoção e as obrigações religiosas. Toda essa estrutura montada se iniciou no começo deste século XX.

Com toda a presença histórico-mitológica do santuário, e das romarias que para a Lapa se dirigem, o culto católico é predominantemente a principal religião da população local.

A paróquia de Bom Jesus da Lapa comprehende a Igreja Matriz, que tem a mesma designação e mais onze capelas. Atendem aos atos litúrgicos, - e demais misteres -, e três sacerdotes. Os cultos não católicos são administrados em dois templos batistas e dois centros espíritas.

Além das romarias, que são o principal ponto atrativo, de Bom Jesus da Lapa, as manifestações folclóricas mais expressivas são os festejos populares, denominados Roda de São Gonçalo e Caretada. As Rodas de São Gonçalo são, preferencialmente, realizadas nos dias 20 de janeiro e 31 de outubro. Consistem em uma dança típica, ao som de caixas zabumbas, violas e outros instrumentos rústicos, executados por um grupo de homens e mulheres, diante de um altar armado em louvor a São Gonçalo, para pagamento de uma graça alcançada. A Caretada realiza-se por ocasião da festa dedicada ao Divino Espírito Santo, quando grupos de mascarados – rememorando os tempos antigos – percorrem as principais ruas da cidade.

As principais efemérides locais são o 6 de agosto, dia do Padroeiro, e o 31 de agosto, dia da cidade. Os festejos religiosos estendem-se por cerca de três meses, a começar de julho, terminando em setembro, - da maneira mais brilhante -, com as três romarias: a da Terra, a do Bom Jesus e a de Nossa Senhora da Soledade.

AS TRÊS ROMARIAS: ATO ESPONTÂNEO E ATO PROGRAMADO

“Romaria: peregrinação de caráter religioso”, diz a verbete, em rápidas palavras, que reforçam o ato de peregrinar, ou seja, andar por terras distantes; ir em lugares santos ou de devoção (FERREIRA, 1977, p. 424).

Certamente, romaria é uma viagem ou peregrinação religiosa, especialmente a que se faz por devoção a um santuário, embora romaria não seja privilégio apenas da religiosidade. Pode ser também uma festa popular de arraial que, com danças, comezinhas etc., se celebra em local próximo a alguma ermida ou santuário no dia da festividade. E grande número de gente aflui a um lugar, enfim, uma multidão.

As definições acima, em sua maioria, têm o sentido religioso – para a crença e para uma riqueza cultural –, pois há uma convergência de elementos característicos, de interesses folclórico, artístico, histórico e etnográficos, como os cantos, as danças, a indumentária, os alimentos, as cores etc.

Reminiscências de velhos costumes exteriorizam-se no clima propício das romarias que vieram, por tradição, trazidas de Portugal para o Brasil a partir do século XVII. Os romeiros oferecem objetos aos santos, rezam e cantam para eles, fazem a desobriga de ex-votos, no cumprimento de suas promessas e do pedido de uma graça.

Os principais centros de romarias, no Brasil, são: Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará; São Francisco de Canindé, em Canindé no Ceará; Juazeiro do Norte, no Ceará; Santuário Nossa Senhora dos Impossíveis, em Patu no Rio Grande do Norte; Senhor do Bomfim, em Salvador na Bahia; Bom Jesus da Lapa, também na Bahia; Bom Jesus de

Pirapora, em São Paulo e Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, em Aparecida do Norte, também no Estado de São Paulo.

Milhares de peregrinos dirigem-se anualmente a esses santuários, crentes de que esses espaços sagrados são os locais propícios para o pedido e o pagamento das promessas. Crença de que é no Santuário que o milagre pode se concretizar.

A romaria não tem data específica para os diversos e milhares de crentes. Ela pode acontecer a qualquer dia, a qualquer momento. O que é específico é a data da festa do santuário ou do padroeiro, quando o fluxo de romeiros, peregrinos e romarias é ainda maior.

As romarias aumentam de número e são organizadas em abundância. Inclusive, além das organizadas por pessoas que contratam caminhões – para seu transporte em longas distâncias –, muitas são promessas que donos de caminhões fizeram com o intuito de levar romeiros ao santuário, o que pode ser constatado pelas centenas de veículos que se dirigem para os centros de romarias.

Mesmo fora de época, os santuários são palco da chegada dos romeiros, peregrinos que, a pé, em grupos, de carroça, de pau-de-arara ou ônibus, vão visitar e prestar suas obrigações religiosas ao santo e ao local sagrado. É o caso de Bom Jesus da Lapa, que todos os dias do ano recebe levas de romeiros, curiosos e turistas que se dirigem ao santuário.

Bom Jesus da Lapa possui três romarias oficiais por ano, ou seja, possui três épocas em que há fluxos maiores de romeiros. São festas e encontros que se estendem de julho a setembro e que aumentam a população lapense. A festa de julho, mais recente, é a denominada de Romaria da Terra. A festa de agosto, que culmina no dia 6, é a do Senhor Bom Jesus da Lapa, padroeiro da cidade. É a festa mais velha e a maior delas. A festa de setembro, celebrada no dia 15, é de Nossa Senhora da Soledade. Sua origem remonta aos anos oitenta do século XIX.

Milhares de romeiros participam da festa do Senhor Bom Jesus da Lapa, que se repete por três séculos, contados a partir da chegada do monge eremita Francisco Mendonça Mar à gruta.

A cidade se transforma rapidamente numa Meca do São Francisco. Romeiros vêm de todos os pontos do Brasil, esperançosos de cura milagrosa ou de merecer uma graça ou, ainda, para pagar algum benefício alcançado.

O número de romeiros é, muitas vezes, superior à população normal da cidade. Os hotéis ficam repletos. Improvisam-se casas de lona e outros materiais leves para acomodar o excesso de pessoas. E todas as grutas naturais se povoam. As pessoas se acomodam, também, em embarcações, canoas, pequenos barcos e barracas próximas do rio.

A partir do dia primeiro de agosto não cessam de afluir romeiros de diferentes regiões do Brasil a esse lugar sagrado. Antes do dia 6, há nove dias de preparação especial, a novena, sob a orientação dos padres redentoristas (KOCIK, 1985, p. 72). Encerra-se com procissão solene pelas ruas da cidade com a imagem do Senhor Bom Jesus e com a missa solene de despedida dos romeiros.

A festa de Nossa Senhora da Soledade, precedida por setenário de preparação e culmina com a procissão com a imagem da Senhora e com a missa solene. Comparada com a festa do Bom Jesus parece ser menos concorrida, com número reduzido de romeiros, mas isso não quer dizer que arregimente. São, porém, milhares de pessoas. Frente à romaria do mês de agosto, esta é bem menor.

Caráter diferente tem a Romaria da Terra, que acontece entre os dias sete e dez do mês de julho. A Romaria da Terra foi instituída por alguns agentes da Pastoral da Terra, em 1978, na região de Andaraí, Redenção e Itaitê, diocese de Rui Barbosa, Bahia.

A origem da Romaria da Terra está ligada à luta do trabalhador rural – liderada por agentes religiosos –, contra fazendeiros e grupos econômicos, que detêm larga faixa de terra e que, com isso, explora a mão-de-obra barata no campo, e assume todo o poder de mando sobre zonas agrícolas.⁴

A Romaria da Terra nasceu em um momento histórico, em que o capital estava investindo na região de Andaraí e os fazendeiros e grupos econômicos estavam expulsando posseiros que, inclusive, não tinham qualquer organização sindical. Foi nessa conjuntura que a igreja de Andaraí percebeu que a fé no Bom Jesus era o grande sustentáculo do povo carente e espoliado da região. Essa igreja – seguidora da teologia da libertação –, propôs à população rural uma romaria a Bom Jesus da Lapa, na tentativa de, diante da fé, debater os problemas da terra, conamar os camponeses à organização e conscientização dos problemas relativos aos seus trabalhos.

A Romaria da Terra possui manifestações folclóricas, de cada grupo regional, que nela participa, com seminários tematizados, plenárias e debates, de onde se retiram propostas para a resolução dos problemas sociais e especificamente do mundo rural.

As reuniões e as plenárias se dão na esplanada do Santuário e na Gruta da Soledade. Alguns seminários são feitos em escolas de Bom Jesus da Lapa. Na esplanada, as missas acontecem pela manhã e à noite.

Hoje, na Bahia, existem várias romarias da terra. Localizam-se, principalmente, em regiões onde os conflitos de terra são frequentes. Todas têm a participação da Igreja Católica – da Comissão Pastoral da Terra do Nordeste –, do Movimento dos Sem Terra e

4. Entrevista com o Frei Luciano Bernardes, 1994.

sindicatos rurais. A quantidade de romeiros nessa romaria é bastante inferior à da romaria do Bom Jesus e da Soledade. As romarias lapenses, de agosto e setembro, reverenciam e sustentam a tradição secular da romaria na cidade. Ambas, porém, sem a organização que tem a romaria da Terra.

Por isso, as romarias de agosto e setembro são consideradas oficiais, tradicionais e espontâneas, pois, sem a organização paroquial e diocesana, convergem para o morro da Lapa, mantendo o espírito da crença e da festa que envolvem a romaria.

A Romaria da Terra é, então, um ato programado. Organizada por agentes pastorais e sindicais, ela está vinculada a classe trabalhadora rural, cujo fator importante é a participação sindical e da mulher. Líderes sindicais levam os problemas de suas regiões, questionam-nos e propõem saídas. As mulheres, por sua vez, gritam contra o machismo na sociedade e demonstram, inclusive com treatalização, a não submissão e subserviência ao homem.

Há sentido no termo programado para a romaria da Terra, embora, em certos momentos, esse conceito seja impróprio na filosofia dessa romaria. Deixa de existir o programado para dar lugar a fé e a crença pela melhoria das necessidades básicas do homem, que são o grande intuito das romarias na Lapa ou em qualquer outro santuário.

Como se encontram na Lapa romeiros de todos os cantos do País – e vindos das mais variadas maneiras –, é possível achar entre eles pessoas de todas as camadas sociais. A maioria esmagadora, entretanto, é de pequenos cultivadores, camponeses que têm algumas “tarefas” de terra e que plantam mandioca, feijão, milho, mamona e outros gêneros, para consumo próprio, vendendo eventualmente os excedentes.

Até a década de 1980, muitos dos romeiros eram “empregados em fazendas do Sul da Bahia, de cacau ou de gado, ou moradores de pequenas cidades, vilas e povoados do interior. Isto dá a cidade de Bom Jesus da Lapa o reconhecimento popular de ‘Santuário dos Pobres’, tal como foi descrito por um informante, membro da Igreja e lapense.” (SOARES, 1983, p. 16).

Entretanto, o comércio floresce na Lapa, em todos os ramos, de maio a setembro. As ruas principais que levam à gruta são inteiramente tomadas por barracas de vendedores de imagens, fitas, velas, ex-votos parafina, livros religiosos, bijuteria, artigos de couro, roupas, relógios, entre outros produtos. Isto se deve ao fato de que muitos que pagam suas promessas compram na Lapa objetos, que são depositados na Sala de Milagres, como forma de retribuição pelas graças alcançadas.

Apesar da grande afluência de romeiros, não é difícil encontrar uma casa na Lapa, pelo menos até o dia 1º de agosto. A maioria dos moradores deixa suas casas nesta época

– não fica nenhum móvel ou objeto –, ou ocupa apenas um dos cômodos, para alugá-las aos romeiros. Crianças abordam os caminhões assim que chegam à cidade, perguntando se já tem onde ficar, e levam o “chefe/dono da lotação” ao proprietário de uma casa disponível, a quem servem de intermediários (SOARES, 1983, p.16).

Alguns lapenses vivem, exclusiva ou principalmente, do aluguel de rancharias e têm duas ou três casas com este fim. A organização do espaço interno das residências faz crer que muitas delas foram construídas ou adaptadas para receber romeiros. Elas têm uma ou duas salas na frente, um longo corredor com quartos pequenos e um quintal ao fundo, às vezes com banheiro. Alguns dos quartos têm fogão a lenha. Dependendo do número de romeiros hospedados em uma dessas casas, até os espaços dos corredores são usados como dormitório, com as esteiras dispostas umas coladas às outras.

Até o dia 1º de agosto, as casas são alugadas por, no máximo, três noites. Imediatamente após a saída de um grupo, entra outro. Quem chega depois do dia primeiro prefere pagar mais um pouco e permanecer na cidade até o dia da festa (6 de agosto). Por volta desse dia, as casas já estarão praticamente todas alugadas, e quem não encontra lugar, ou não tem meios para custear a hospedagem, vai “arranchar” na beira do rio. Sem sanitários e sem água corrente, - exceto a do rio -, muitos romeiros enfrentam algumas dificuldades, além da obrigatoriedade recém-estabelecida, de levar os caminhões aos estabelecimentos criados pela Prefeitura, distantes da gruta.

Quem tem a sorte de ficar perto do rio resolve seus problemas de abastecimento de água, para cozinhar, lavar e banhar-se, no próprio São Francisco. Outros, entretanto, usam os sanitários de casas particulares, mediante pagamento, ou compram água para beber e cozinhar. Ainda na década de 1990, várias casas tinham, em suas portas, pequenas tabuletas de madeira, onde se lia: “Vende-se banho”. (SOARES, 1983, p.17, 18)

Durante todo o tempo em que as atividades rotineiras são suspensas em, função da visita ao Santuário, a identidade de *romeiro do Bom Jesus*, para aquelas pessoas, se sobrepõe às demais. Discursos e ações se somam, então, para elaborar essa identidade comum: todos comem a mesma farofa, todos dormem sobre o chão, todos percorrem os mesmos trajetos na cidade, cantam os mesmos *benditos*, vestem o mesmo chapéu. Esses mecanismos não somente prestam-se à elaboração de uma identidade comum, mas preenchem-na com os conteúdos da pobreza, humildade e piedade, valores altamente prestigiados pela moral cristã, e fazem da viagem à Lapa uma forma atenuada de penitência: quem dormia em cama foi dormir em esteira sobre o chão, não só porque esta era uma contingência das condições de hospedagem, mas porque é preciso dormir em esteira para ser um “romeiro certo”; quem cozinhava em fogão foi acender fogo de lenha, quem dormia sob um teto foi dormir ao relento, quem não era mendigo foi *esmolar* comida e dinheiro,

quem tinha sapato foi andar descalço, e assim por diante. “Os romeiros se auto compararam a ciganos, *errantes* e acampados em tendas como eles, e constituindo um grupo bem delimitado socialmente” (SOARES, 1983, p. 18).

A identidade do romeiro pobre, humilde e piedoso, facilmente aplicável ao viajante de um caminhão ou aos pedestres, é inequívoca quando se tratava de separar romeiros de comerciantes, tropeçava ao deparar-se com os casos das famílias de classe média, hospedadas em hotel, viajando em automóveis particulares, oriundas das capitais. Decerto suas motivações religiosas eram as mesmas, mas não renunciavam às comodidades que sua situação permitia obter. Tendo que admitir que os romeiros de classe média também eram romeiros, mas não como os de caminhão.

DESOBIGAS E PROMESSAS

A desobriga é o ato de prostrar-se, benzer o corpo, fazer a oração, rezar, carregar estandarte ou lançar foguetes (fogos) ao padroeiro ou ao seu Deus. E no catolicismo popular – que muito traz o ex-voto –, a desobriga é bem variada, quando da participação de objetos, levados pelos devotos e colocados em algum canto da Sala de Milagres ou até mesmo nos altares da igreja. No caso de Bom Jesus da Lapa, há desobriga com objetos, também, por grande parte do morro, mas a sua imensa maioria acontece na gruta principal, que abriga a Sala de Milagres.

A desobriga de monóculos de fotos, por exemplo, aumentou diante dos ex-votos artesanalmente esculpidos ou modelados em cera⁵ e parafina industrializados. Queimar fogos de artifício e ofertar dinheiro ao santo são votos muito frequentes e se revelam, também, como um tipo de desobriga.

A oferta de dinheiro ao santo é acompanhada de uma reza dirigida ao Bom Jesus, diante da imagem no altar, como atestam os padres e demais agentes da Igreja no local, que são testemunhas de inúmeras cenas desse tipo.

A observação e registro das “conversas com o santo” (com atos aparentemente informais, mas que são na realidade altamente ritualizados, a exemplo da genuflexão, das mãos estendidas, olhos fechados, persignação e gesticulação são constantes), aos pés das imagens são um dos caminhos mais interessantes de estudo do comportamento religioso dos romeiros da Lapa, caminho este que ainda não foi explorado, infelizmente, nos estudos científicos. Entre outras atitudes, elas incluem a transmissão de recados, enviados por parentes, amigos e vizinhos (SOARES, 1983, p. 23).

5. Referencia a cera criada a partir do mel da abelha. A cera é produzida pelas abelhas, a transformação do mel por elas ingerido, através de glândulas cerígenas, no lado ventral do abdômen das abelhas operárias.

Uma boa parte de romeiros busca cura de doenças, identificadas ou não. Os pedidos relativos à saúde são os mais frequentes: epilepsia, bronquite, deslocamento do pescoço, cólicas, sarampo, entre outras. Nem sempre foram claramente identificados, o que faz supor que não foram objeto de um diagnóstico médico, sendo designados vagamente como “uma dor”, “aquela doença que a gente esquece o lado”, “uma doença”, “estive muito mal”, “bexiga furada”, “fadiga, nervos pra se acabar”, “um cansaço”, etc.

Outros foram identificados pelos próprios informantes, como, por exemplo, alguma forma de distúrbio mental: “loucura”, “cabeça meio louca” e “desespero”. A frequência com que os romeiros apelam aos santos, e a Deus, para curar-se de doenças facilmente superáveis, - quando há remédios e assistência médica -, dá uma medida da precariedade do atendimento de saúde que se tem no Brasil rural, embora não possa=reduzir toda carência a esse fator. E os fatores podem ser captados através dos objetos que os próprios romeiros depositam, sejam eles, pedindo a graça ou pagando-a pela melhoria da doença.

Promessas não cumpridas, muitas vezes, são legadas aos filhos, quando da morte do indivíduo. Nada foi dito sobre as sanções, sofridas pela alma do morto ou pelos vivos, quando permanecem devedores aos santos, mas há um grande sentimento moral e de consciência naqueles que se acreditam em dívida com eles.

A penitência, sob as mais variadas formas, é também um dos componentes=da cadeia de trocas, entre os humanos e o Bom Jesus, e uma das ações nucleares da romaria: os homens recebem graças e retribuem com sacrifícios pessoais espontâneos, como andar de joelhos, carregar pedras, não tomar banho, não trocar de roupa, esmolar, dormir no chão, andar descalço. Normalmente são atos votivos isolados.

O corte de cabelos, por exemplo, pode ser visto pela ótica do sacrifício, - uma espécie de mutilação -, e tem respaldo na tradição judaico-cristã, enquanto simbolismo da sujeição. Numa ação inversa, especialmente as mães, fazem promessa de deixar o cabelo dos filhos crescer e só cortá-los, quando alcançar a graça.

As ofertas em dinheiro, muito comuns – na fila para passar pelo altar do Bom Jesus pode-se ver muitas pessoas segurando cofrinhos de lata para depositá-los no lugar apropriado –, o que não deixa de ser uma forma dos romeiros se penitenciarem, pois para camponeses e lavradores sem-terra, que vivem numa economia, na qual as trocas monetárias são muito reduzidas, juntar dinheiro para depositar nos cofres dos santos significa tê-lo subtraído de algum lado, isto é, ter-se privado de algum bem ou serviço.

A romaria como penitência, e a penitência como oferta – que agrada particularmente ao Bom Jesus –, são ações generalizadas. Mesmo que o romeiro não tenha promessa a cumprir, de alguma forma oferece ao Bom Jesus os sofrimentos da viagem e espera para

ser abençoado e protegido. Não se tem em mente uma benção específica, “mas quem sofre expia alguns pecados, sai purificado e espera garantir, deste modo, um lugarzinho no céu” (SOARES, 1983, p. 26).

Na Lapa, muitos donos de hotéis e comerciantes concordam que, terminados os rituais de quem pede graças ou paga promessas, as diversões dos romeiros resumem-se aos passeios pelas grutas, ao banho de rio, a comer peixe, fazer compras, fazer-se fotografar, visitar a feira. Os donos de barraquinhas de comidas e bebidas sabem que a maioria dos romeiros não bebe álcool, mas concorrem a elas para se alimentar. A cidade tem um forró muito concorrido no período das festas juninas, que atrai mais os caminhoneiros, ambulante e a população local, apesar de ser aberto ao público. Normalmente, alguns romeiros param, escutam a música animada, olham por alguns instantes e se retiram. Da mesma forma, as boates da cidade – lotadas nas noites de sexta, sábado e domingo –, congregavam os jovens lapenses e nunca os romeiros, o que mostra a separação entre os eventos leigos dos sagrados, estes próprios dos que se propuseram a ir cumprir suas promessas ou pedir uma graça.

Mesmo pobres e mais simples do que o lapense, os romeiros têm uma posição confortável em Bom Jesus da Lapa, a de que eles sustentam uma tradição e que muita gente a explora.

A SALA DE MILAGRES

Também denominada de “Casa dos Milagres”, “Sala dos Milagres”, “Saleta dos Milagres”, “Sala dos Ex-votos” e Sala das Promessas, esse espaço é a dependência dos templos e santuários onde se abrigam e expõem os ex-votos de agradecimento por graças recebidas ou de pedido de várias graças.

São muitas as Salas de Milagres no Brasil. Entre as mais famosas, atualmente, estão a do Senhor do Bomfim, em Salvador, e Bom Jesus da Lapa, e Monte Santo, na Bahia. São Francisco do Canindé e Juazeiro do Norte, no Ceará, e a maior de todas elas a de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida do Norte, São Paulo e a não menos concorrida de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, no Pará.

Todas as salas de milagres possuem aspectos semelhantes: ex-votos espalhados por todos os cantos, pouca arrumação, cheiro de parafina - devido à quantidade ou aproximação do velório do santuário – e, em horário de visita, a presença de dezenas de pessoas, entre curiosos e pagadores de promessas, que tornam o espaço cheio, tanto de gente quanto de objetos ex-votivos. (Imagem 23)



Ex-votos da sala de milagres do santuário de Bom Jesus da Lapa.
Destaque: retratos (posters) moldurados

Imagen 23 - Detalhe da sala de milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa em 1992.

Foto do autor.

A importância da sala de milagres se deve ao fato dela ser o espaço que o objeto que, se torna ali, um ex-voto. É o espaço que proporciona, ao devoto, a guarda do objeto-testemunho, que simboliza a pretensão a alcançar uma graça ou pagamento de milagre alcançado. É o espaço que possibilita a comunicação entre o devoto, os demais fiéis e curiosos e o Ente Superior. É o espaço que expõe o objeto testemunho da crença.

A sala de milagres encontra-se, na maioria das vezes, anexa a uma igreja, qualquer que seja o seu tamanho, sempre está a uma pequena distância, não fugindo aos limites do templo. Como exemplo, se tem a Sala de Milagres do Senhor do Bomfim, em Salvador. Ela fica no edifício da igreja, ligando esta, por porta do transepto ao corredor direito, paralelo à nave. É passagem para o Museu dos Ex-votos, que fica no andar superior e que guarda os objetos de maior valor.

Outro exemplo é a Sala de Milagres, do Santuário de Nossa Senhora das Candeias, também na Bahia. Atualmente pouco organizada e uma justificativa para a distância. A sala está numa área fechada, próxima a uma fonte de “água milagrosa” a 50 m. da Igreja Matriz.

Algumas grutas foram transformadas, através dos tempos, em santuários, possuindo altares pequenos ou grandes. Na Bahia existem três casos famosos: a gruta de Patamuté, localizada na Serra da Carpina, no município de Curaçá; a gruta da Mangabeira, em Ituaçu, e Bom Jesus da Lapa. Todas elas são focos de peregrinações, estão abertas na rocha, de pedras calcáreas, com stalactites e stalagmites, construídas pela natureza.

A Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa é a mais visitada e a que possui mais objetos ex-votivos. É uma das mais procuradas de todas as salas de milagres brasileiras (Imagen 24). Está localizada na gruta da Soledade, no Morro da Lapa. Situa-se

entre duas outras pequenas e estreitas grutas, a de Santa Luzia e a de São Gonçalo.



Imagen 24 - Vista parcial da sala de milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa em 2018

Foto do autor.

A interferência do homem em sua estrutura geológica originária já é bastante visível. Grades, um portão gradeado com aviso “Aberto de 10 às 12 e das 14 às 17 h”, fiação e lâmpadas, degraus e alguns pedaços de piso de cimento foram construídos pelo homem para facilitar a locomoção das pessoas. Possui cerca de 40 m².

Ao contrário das salas de milagres construídas, a do Santuário da Lapa não permite, ao visitante, passar um tempo superior a duas horas no seu interior, por dois motivos. O primeiro, e principal, é porque o clima torna-se pesado, devido à escassez de ar. O segundo, diz respeito ao número de ex-votos. São inúmeros ex-votos em espaço reduzido. Esses fatores requerem que o espectador retorne por diversas vezes ao local.

Os ex-votos são depositados pelo próprio fiel, com pouca ou nenhuma arrumação⁶. Não há identificação. O próprio objeto, com seus bilhetes, com seus símbolos fáceis de decodificação, transmite ao espectador a essência, o milagre, o pedido, o tipo de doença, o desejo, etc., atitudes representadas figurativamente. (Imagen 25).

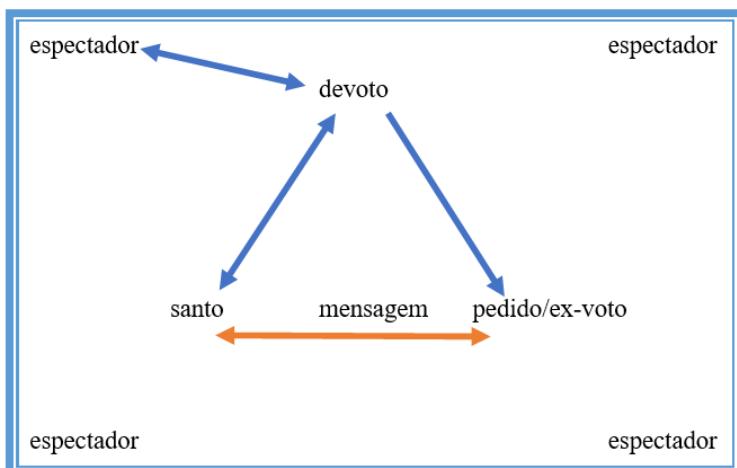
6. Voltando a Bom Jesus da Lapa, para atualizar a pesquisa de campo, em 2018, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, notou-se que houve uma organização, de todo o espaço da Sala de Milagres, com organizações expográficas de uma artista e cenógrafo local.



Imagen 25 - Vista parcial da entrada da sala de milagres. Santuário de Bom Jesus da Lapa.

Foto do autor. 2018.

A sala de milagres do Santuário da Lapa permite – como todas as outras salas do gênero – uma visão que se enquadra numa concepção democrática de exposição, ou seja, na sala de milagres, qualquer pessoa coloca a sua “oferenda” prometida. Seja rico ou pobre, trabalhador do campo ou operário de uma indústria, prefeito de uma cidade ou um gari, advogado ou estudante, todos podem fazer a sua própria desobriga. Isso mostra a perfeita liberdade na demonstração a fé. A seguir, o esquema 2 ilustrará o processo comunicacional que ocorre em uma sala de milagres.



Esquema 2 - Processo comunicacional em uma sala de milagres

Nota-se um ciclo que parte do devoto e retorna a ele próprio, pois é ele quem desenvolve à exposição, provoca uma mensagem, endereçada ao santo protetor, que se dirige ao espectador (curiosos, outros devotos etc.), enobrece o espaço e demonstra o seu testemunho, a sua promessa alcançada ou a graça solicitada ao santo. E esse retorno reside do fato do devoto notar que também é um espectador do seu próprio ex-voto ou pedido, testemunho da sua própria crença.

Hoje, a importância da Sala de Milagre, no Santuário de Bom Jesus da Lapa, é igual à da Igreja principal, que está localizada à entrada da gruta e a poucos metros da Sala, pois testemunha a fé, que move o romeiro de longe, do Piauí, de Goiás, de Minas Gerais e de outras partes do Brasil, e que se dirige ao Santuário.

A sala de milagres, das igrejas, que recebem romeiros, é como se fosse um palco, aproxima o espectador dos vários testemunhos ex-votivos que, com o movimento das romarias, enaltecem os milagres, elucidam vontades e sentimentos, doenças e pobrezas, felicidade, riqueza e amor.

CAPÍTULO III

TIPOLOGIA DOS EX-VOTOS DA SALA DE MILAGRES DO SANTUÁRIO DA LAPA

ANTENOR MORAES

AGRADECE AO SENHOR

BOM JESUS DA LAPA,

UMA GRAÇA ALCANÇADA

8-8-1945

TIPOS E CATEGORIAS

A tipologia dos ex-votos, da Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa, é quantitativamente quase que infinita¹. Os objetos da sala são – quase todos – efêmeros, podendo ser descartados por vários motivos: doação e incineração, roubos, levados como amuletos etc. Numa classificação por gênero, são os seguintes os tipos de ex-votos, documentados nesse espaço, que os romeiros denominam “dos milagres do Bom Jesus da Lapa”:

a) Ex-votos escultóricos

Entram nessa categoria a escultura de pequeno porte de santos em madeira; ex-votos tradicionais de cera: cabeças, tronco, coração, braço, pés, pernas, mãos, dedos; ex-votos tradicionais de cerâmica: pés, mãos e cabeças, figura humana; ex-votos tradicionais de gesso: bustos, cabeças e pernas; ex-votos tradicionais de madeira: figuras antropomórficas em miniatura, braços, cabeças, pés, pernas, mãos, ante-braço-braço-mão; figuras zoomórficas; membros de animais: pata de cavalo e de gado; bonecos de pano; caminhões pau-de-arara em miniatura; chapéus de palha; maquetes de casas de isopor; maquetes de casas de madeira; maquetes de fazendas ou ranchos de madeira; seios de madeira; miniaturas de igrejas de cerâmica. (Imagem 26)

1. O autor redefiniu a tipologia em 2009. E novos tipos surgiram. Porém, foi mantida aqui a tipologia estudada entre 1992-1996



Imagen 26 - Variação escultórica na sala de milagres. Santuário de Bom Jesus da Lapa.
Foto do autor. 2018.

b) Ex-votos pictóricos e desenhados

Ex-votos tradicionais produzidos, sob a forma de quadros, desenhados e pintados à mão, com ou sem descrição verbal do milagre. Desenhos variados. Essa tipologia era medianamente encontrada na década de 1990, porém, nos dias atuais, pouco se vê da arte pictórica e do desenho à mão.

c) Ex-votos fotográficos

São as fotos, de variados tamanhos, que enfocam acontecimentos e eventos. Fotografias 3x4, 9x12, *posters* emoldurados e sem moldura - individuais personalizados, de grupo, cenas e acontecimentos e painéis fotográficos. (Imagen 27)



Imagen 27 - Ex-voto fotográfico. Foto retocada. Sala de milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa.
Foto do autor. 2007.

d) Ex-votos manufaturados e industrializados

Aparelhos ortopédicos: de pés, pernas, braços, mãos, coluna tórax; bacias de alumínio; bandeiras da seleção brasileira de futebol de campo; bandeiras do Brasil; bonecos de plástico; busto de gesso da escrava Anastácia; caixões funerários de crianças e recém-nascidos; caixões funerários de adultos; camisas de adultos e de crianças; crucifixos com o Cristo ou apenas com a cruz; cruzes de madeira; vestidos e batas de adultos e de crianças; muletas de madeira; mortalhas; oratórios; placas de carro; quepes militares; reproduções de santos em molduras; santos de gesso; tambores de Terno de Reis; terços. Fitinhas com inscrições do santuário; estandartes. Sandálias de couro, óculos. Painel de automóvel. (Imagens 28 e 29)



Imagen 28



Imagen 29

Santuário de Bom Jesus da Lapa.

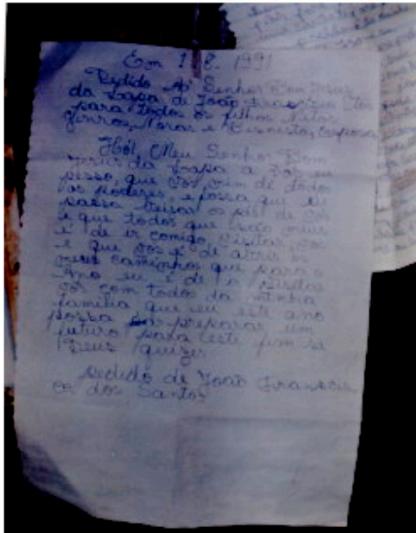
Entre manufaturados e industrializados.

Bonecas, miniatura de cavalo em madeira pintada, capacetes, violões, guitarras e teclados.

Fotos do autor. 2018.

e) Ex-votos biográficos

Bilhetes manuscritos; bilhetes datilografados; cartas manuscritas; cartas datilografadas; diplomas: de prefeito municipal, de datilografia e de magistério de 2º grau; diários pessoais; livros de 2º grau; recortes de jornais; cartões de identificação de vestibular, carteiras estudantis. (Imagen 30)



Ex-voto da sala de milagres do
santuário de Bom Jesus da Lapa, Ba.
"Bilhete".

"Em 1.8.1991

Pedido Ao Senhor Bom Jesus da Lapa de João Francisco Stos
para todos os filhos Netos, genros, Noras e Bisnetos, Esposa

Hó! Meu Senhor Bom Jesus da Lapa a vós eu pessso, que vós
me dê todos os poderes, e fassa que eu possa beijar os pé de
vós e que todos que são meus é de ir comigo, visitar vós, e que
vós é de abrir os meus caminhos que para o Ano eu é de ir
visitar vos com todos da minha família que eu este ano possa
preparar um futuro para este fim se Deus quizer.

pedido de João Francisco dos Santos."

Imagen 30 - Ex-voto biográfico – carta

Foto do autor. 1992

f) Ex-votos orgânicos: miomas *in vitro*, mechas de cabelo

g) Ex-votos especiais: garrafas com líquido; radiografias

O ex-voto escultórico, é o que mais se destaca quantitativamente, por cinco motivos: o primeiro deles devido às origens e tradições do ex-voto. Segundo, porque representam mais fielmente o natural. Terceiro, porque, desde a Idade Antiga as esculturas ex-votivas ganharam formas variadas. O quarto motivo advém da noção do ex-voto tradicional, que são as cabeças, os pés, as pernas, as mãos etc. esculpidos em madeira ou modelados em barro, que representam as partes enfermas dos devotos. O quinto motivo decorre da pequena produção dos outros tipos de ex-votos frente ao ex-voto escultórico, com exceção das fotografias 3 x 4, que hoje são, em número superior a qualquer outro tipo.

Encontram-se na Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa ex-votos de parafina, industrializados, entre os quais se incluem pernas, braços, dedos, narizes e outras partes do corpo. Essas representações, todavia, ficam distantes do aspecto artístico, dada à produção industrial em grande escala, fase em que se encontra esse tipo de ex-voto, embora, pode-se dizer que os protótipos dessas formas foram artisticamente concebidos.

Interessante notar que, com o descarte do ex-voto escultórico de cera, os comerciantes, donos de barracas próximas ao Santuário de Bom Jesus da Lapa, aproveitam e reciclam o material, fabricando, também, velas e novos ex-votos.

No Santuário do Senhor do Bomfim, em Salvador, o descarte desse tipo de ex-voto, é direcionado às Obras Assistenciais de Irmã Dulce, onde, em um setor específico, velas são fabricadas com o material descartado pelo Santuário, para a comercialização. Esses fatos se deram a partir da década de 1970.

O ex-voto pictórico – com exceção dos desenhos de olho que são recentes – é o marco da tradição ex-votiva, que vem do mundo ibérico (SOARES, 1983, p. 98). Os temas predominantes enfocam cenas de perigo, de enfermidade e calamidade, nos quais o artista retrata os personagens e, na maioria das vezes, a aparição do padroeiro, no alto, entre o resplendor e as nuvens. As composições são consideradas como arte ingênua, pois existem desproporções, desequilíbrios, devido ao pouco estudo, tanto no desenho, como também na pintura. As cores, que predominam, são o azul, o amarelo e, com pouco empastamento e rugosidade. A aquarela foi muito usada, até meados do presente século, mas hoje a pintura a óleo e acrílica são unâmnimes.

Geralmente os ex-votos pictóricos vêm com as inscrições que, além de descreverem a cena, demonstram a fé e as palavras e nome do devoto.

O modelo semântico e morfológico das palavras escritas no ex-voto pictórico é uma tradição. Eles são raros em Bom Jesus da Lapa. Em um dos encontrados na Sala de Milagres, traz o registro: “Promessa feita ao N. S. Bom Jesus da Lapa pela Sra. Noélia Paranhos Chaves em Benefício de João José pela grave operação que fez obtendo sua proteção e cura definitiva, pelo qual agradece”. Esse exemplo demonstra o perigo passado pelo devoto, o momento da operação cirúrgica, a referência ao santo protetor, o termo “promessa”, que demonstra a fé do doente e de sua parente à figura sagrada.

O “milagre” descrito, com mais frequência nos ex-votos pictóricos, é um ato atribuído num momento do perigo, que o devoto passou e foi salvo, ou curado, o que não corresponde ao exemplo acima, no qual houve uma “promessa” feita para que a salvação se desse no futuro.

Os ex-votos pictóricos, em número pequeno, descrevem cenas coloridas, com os detalhes que referenciam os personagens, o lugar, o tempo e o acontecimento. Não há preocupação, na maioria dos casos, com a data. As cenas são trabalhadas por pintores profissionais e amadores, pelo próprio devoto ou pelos poucos *riscadores de milagres*, ainda existentes, em regiões de Minas Gerais, São Paulo e Pernambuco.

O número reduzido de ex-votos pictóricos é explicado pelo surgimento e grande difusão de fotografias ex-votivas, que retratam as cenas pós-acontecimento e das fotos 3x4 que, a cada dia, crescem quantitativamente na Sala de Milagres. Acidentes de carro, acidentes com animais, enfermos em leitos de hospitais, e outros fatos e acontecimentos,

são alvos que a câmera registra e os devotos se utilizam para, com a foto, fazer a desobriga.

Os bonecos são um outro tipo de ex-voto, encontrado na Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa. Eles são produzidos industrial ou manualmente, de plástico, de pano, com enchimento de algodão ou palha de milho, sempre policromados, com cabelos de fio da fibra de sisal ou de tecido desfiado. Sempre, também, têm o aspecto feminino, ou seja, o corpo, o cabelo, a face e a vestimenta. (Imagen 31).



Imagen 31 - Ex-votos boneca Sala de milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa.

Foto do autor. 2018.

Como as fotografias, os bonecos também são classificados como artísticos e não artísticos, pois existem bonecos e bonecas industrializados, como os encontrados em qualquer armário, feiras livres, supermercados ou lojas de brinquedos.

Os estandartes são um outro tipo de ex-voto, encontrados na Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa. Em grande número, na Sala de Milagres, os estandartes são forrados com pano de seda, coloridos, com lantejoulas, bordados com fita de pano verde. Ao centro, é colocada a imagem do santo protetor ou a de Jesus Cristo Crucificado. Os estandartes simbolizam a ida, de um grupo de romeiros, ou de um devoto apenas, ao Santuário. É a chegada, a entrada e o testemunho da fé de quem veio de longe. É a bandeira testemunhal de quem fez a promessa.

As miniaturas de caminhão “pau-de-arara” mostram mais um tipo de ex-voto, como objeto de arte. São muitos exemplos, encontrados na Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa. (Imagen 32)



Imagen 32 - Ex-voto miniatura de caminhão pau-de-arara.

Foto do autor. 2018..

Os pequeninos caminhões variam quanto ao material utilizado para a sua confecção. A maioria é totalmente produzida com madeira e pregos. Alguns são pintados, outros possuem lata retorcida, usada como cobertura da carroceria. Muitos dos exemplares, encontrados na Sala de Milagres são iguais aos mesmos encontrados à venda em lojas nas cidades brasileiras.

O caminhão pau-de-arara simboliza a leva de romeiros nordestinos, que se destinam ao Santuário. Geralmente, os donos dos caminhões cobram uma taxa ao romeiro, com isso, o motorista está prestando serviço remunerado. Há casos, porém, em que proprietários de caminhões levam os romeiros por “promessa” feita ao Bom Jesus, criando as suas romarias com destinos anuais fixos, levando fiéis amigos, - na maioria dos casos -, ou pessoas que pedem para seguir em romaria.

A troca do caminhão velho por um novo, a compra de um caminhão, ou simplesmente, caminhoneiros que utilizam os seus veículos para pagar promessas, -conduzindo romeiros -, feita por algum outro motivo, são fatores que explicam o significado desse tipo de ex-voto (Imagen 33).



Imagen 33 - Ex-voto - miniatura de caminhão.

Foto do autor. 2018.

O chapéu de palha constitui-se como mais um tipo de ex-voto que, na Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa, existe em grande número. Produzidos, manualmente, da palha retirada do ouricurizeiro, trançados entre costuras de barbante e fios de fibra do sisal, os chapéus possuem a aba decorada com cortes curvilíneos. O único ornamento externo decorativo é a fita de seda, que varia entre as cores verde e azul marinho, muito usadas por romeiros, sem qualquer inscrição. (Imagen 34)



Imagen 34 - Ex-voto – chapéu

Foto do autor. 1992.

Ao contrário do tradicional chapéu de romeiro – de pano branco com fita de seda verde –, o chapéu de palha não passa por um processo de produção industrial, ou seja, as fases da costura, do enlace e do corte são manuais.

PEDIDOS E PAGAMENTOS

Formulando um conceito, a partir de uma visualização da Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa, pode-se dizer que muitos objetos são apriorísticos aos pedidos ou às experiências vividas ou a serem vividas. Um simples cartão de identificação de vestibular é um exemplo. Há cartões que ainda aguardam o resultado das provas, mas que já têm um escrito, à mão, suplicando a aprovação do candidato.

As fitinhas – como aquelas do Senhor do Bomfim –, são um outro exemplo. Elas,

além do uso corporal, são depositadas, enlaçadas nas cruzes no lugar dos cruzeiros e salas de milagres, acompanhadas de oração e pedidos para um simples “bom dia” ou “feliz ano novo”. São multiplicadas, assim como os bilhetes, que são exemplos de ex-votos fáceis para elucidar os votos, que representam o pedido. Eles são solicitações, pedidos para a proteção ou benefício ou ganho de qualquer coisa, e que fazem parte do universo da rica Sala de Milagres, do Santuário de Bom Jesus da Lapa.

A EXPRESSÃO DE VALORES COLETIVO E INDIVIDUAIS

Para o estudo do processo comunicacional dos ex-votos, foi necessária, portanto, a análise iconológica dos objetos representados. Por iconologia entende-se a interpretação dos valores simbólicos de uma composição que, muitas vezes, são desconhecidos pelo próprio artista e podem, também, diferir, enfaticamente, daquilo que ele conscientemente tentou expressar.

Verificando-se dezenas de casinhas ex-votivas, em maquetes – atestando o pedido por uma habitação –, é que se pode verificar a defasagem nos programas do sistema habitacional brasileiro. O significado das casinhas passa a ser estudado com mais ênfase. O componente material “casa” está distante de uma grande faixa da população brasileira. Essa faixa populacional anseia por uma simples casa, pelo mínimo passível de moradia. As centenas de casinhas, encontradas na Sala de Milagres, do Santuário de Bom Jesus da Lapa, são o retrato de um indício conjuntural, do sistema habitacional brasileiro, clamado por melhorias pela população que paga promessa ou pede a graça por um teto ou porque já foi atendida. (Imagen 35)



Imagen 35 - Ex-votos – casinhas de madeira. Santuário de Bom Jesus da Lapa.

Foto do autor. 2018.

É no estudo do conteúdo dos objetos – artísticos ou não-artísticos -, que se verifica nas centenas de muletas e aparelhos ortopédicos, que chamam a atenção para se observar o mundo dos amputados e hansenianos do Brasil.

A hanseníase, o mal popularmente conhecidos como “lepra”, ainda afeta a população das regiões de Vitória da Conquista, Bom Jesus da Lapa e Feira de Santana, na Bahia. Os fatores que propiciam esse mal são a higiene e o alto nível da pobreza. Junto a esses fatores, pode-se somar as falhas do sistema de saúde pública, edificado em uma estrutura política inadimplente aos assuntos básicos da sociedade, como saúde, educação e transporte, provocando descasos nos hospitais e centros de saúde e, como não devia faltar, o baixo salário pago aos profissionais, que atuam na área, como médicos, enfermeiros, assistentes sociais e outros².

São esses fatores – integrados à política nacional – os responsáveis pelo mal tratamento, dado aos doentes de hanseníase, “aleijados³” sem assistência médica. E a esse problema, seguem-se outras enfermidades como a tuberculose e o mal de chagas,

2. Este parágrafo, sem qualquer alteração, por inteiro, foi escrito em 1994.

3. Pode-se, aqui, atribuir esse termo às pessoas impossibilitadas de conseguir o apoio público à saúde, algo como “excluídos”.

que na região de Bom Jesus da Lapa tem alta incidência. São problemas que demonstram a fraca prevenção sanitária do Brasil.

Somando-se a esses fatores, pode-se citar aqui os acidentes, a paralisia, os reumatismos e a subnutrição, como fatores que são testemunhados, através do alto número de muletas e aparelhos ortopédicos ex-votivos. (Imagem 36)



Imagen 36 - Ex-votos – muletas.

Foto do autor. 1993

As cartas e os bilhetes ex-votivos mostram os seus suplícios. Pessoas que perderam partes do corpo, quando, com tratamentos eficientes, poderiam tê-las salvo; pessoas que ficam cegas, que perdem os movimentos físicos, quando com o mínimo de tratamento específico, poderiam sanar parte dos seus problemas. São indivíduos que suplicam por pernas mecânicas, óculos, cadeiras de rodas, enfim pedidos, que revelam a pobreza da saúde em regiões baianas e brasileiras. E entre os pedidos, estão os ex-votos, que testemunham conquistas de aparelhos e cirurgias.

Uma carta, à qual estavam presas uma fotografia e uma mecha de cabelos, -na Sala de Milagres -, continha a seguinte mensagem, dirigida, ao Bom Jesus:

Fazenda Gentil, 21/05/82. Município de Lassance, Minas Gerais.

Ação de graças. Encontramos hoje prazerosamente pela graça que o Bom Jesus da Lapa fez para o O., pedido de seu pai A. M. e de sua mãe M. S.

de M. Então nesse desespero de sua doença nós fizemos esta promessa que o dia que ele fizesse 7 anos, fazer a trança de cabelos e cortar e levar até a sala de milagres do Senhor Bom Jesus da Lapa e pusesse esmola nos pés de todos os santos que encontrasse naquela capela. O meu pai, vindo a falecer 2 anos depois, minha mãe viúva, não tinha condições para pagar esta dívida, vivíamos naquela peregrinação. Deixando seus 4 filhos, o mais velho com 5 anos e o segundo com 4, O. com 3 anos e o caçulo com 2 anos. Nenhum de nós não dimensionando totalmente o tanto de falta que fez nosso pai. Hoje medito com o povo sobre isto. 25 anos. 25 anos sem pagar aquela dívida. Hoje seu filho caçulo partiu para esta capela prazerosamente, emocionado, com os olhos cheios d'água, com o coração cheio de alegria e emoção pedindo-lhe descance em paz, papai. E o Senhor Bom Jesus da Lapa olhe para todos nós. Obrigado pela graça concedida.

Cartas e bilhetes ex-votivos mostram, constantemente, pessoas à beira da morte por doenças, já erradicadas em muitos países, e que na Bahia permanecem, diante do péssimo sistema de saúde, da pobreza e do baixo nível de higiene.

As fotografias de acidentes violentos não brilham apenas pelos ângulos, cores e luminosidade que o fotógrafo conseguiu, mas pela revelação do alcoolismo, negligência nas pistas, ou por estas estarem em péssimo estado, pelo Brasil a fora. Junta-se a esses fatores, bastante evidente, o aumento do tráfego de carros, das máquinas etc., que são fatores vinculados à evolução dos tempos.

Conseguir, alcançar, obter, são palavras almejadas pela classe mais pobre, -camponesa ou urbana -, carente e espoliada, sofredora, diante do desarranjo social. Muitos outros exemplos ilustram o quadro da desigualdade social, bastante testemunhada na Sala de Milagres, de Bom Jesus da Lapa, pelos ex-votos. Alguns são de destaque.

As maquetes de ranchos, por exemplo, representam a casa de campo, a *roça*, com o gado, o mato e a cerca. A maioria é produzida em madeira, pintadas ou envernizadas. Bem detalhadas, geralmente, possuem um bilhete anexo referenciando o agradecimento pela terra conquistada, o pedido por um pedaço de terra para plantar, e até mesmo o pedido pela melhora da lavoura na região. (Imagem 37)

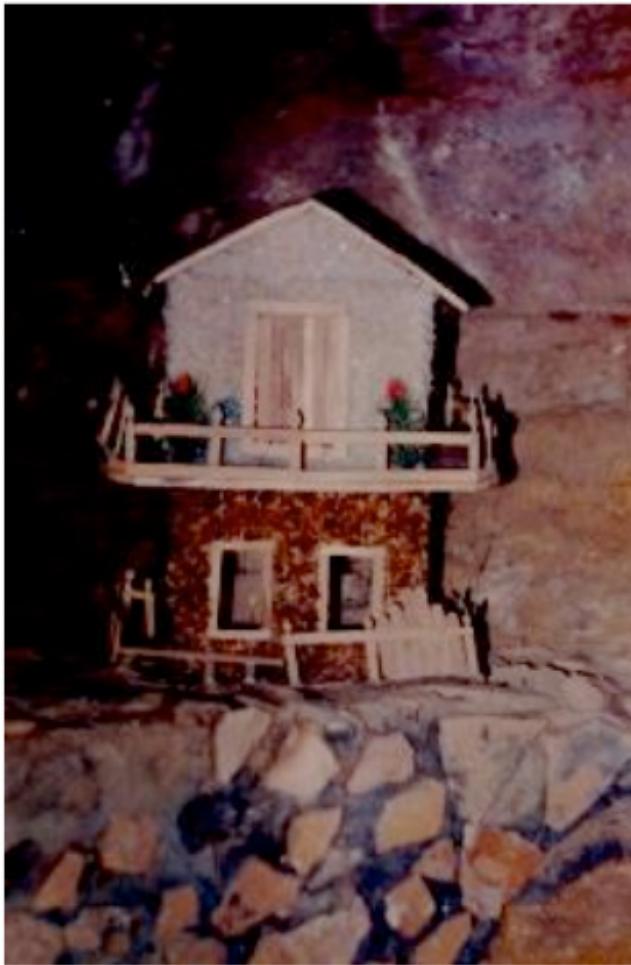


Imagen 37 - Ex-voto – maquete de um rancho. Santuário de Bom Jesus da Lapa.
Foto do autor. 1992.

Pedidos e agradecimentos – como no caso das maquetes de ranchos – nos levam a uma explicação da questão agrária brasileira, à política rural, à existência dos sem-terra, à conduta da política na agricultura: situações que produzem posseiros, grileiros e latifundiários, que ocasionam diferenciações, divergências e conflitos que geram mortes⁴.

As maquetes de ranchos são colocadas, por desobriga, na Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa, principalmente durante a “Romaria da Terra”, no mês de julho. Essas formas ex-votivas, analisadas detalhadamente, ultrapassam fatores individuais, caem no coletivo e exaltam os problemas existentes no Estado da Bahia, na região de Bom Jesus da Lapa ou – de modo geral – no Brasil, a exemplo da questão sanitária e da saúde

4. Parágrafo sem qualquer alteração de 1994.

anteriormente mencionadas.

As romarias são um outro fator importante para a compreensão da conjuntura social, da política e econômica brasileiras, pois nela – que têm os ex-votos como um dos seus testemunhos – estão peregrinos com seus pedidos e “pagamentos” diversos, evidenciando os problemas individuais e coletivos.

É na religião do povo – fator indispensável à fé dos romeiros – que se pode elucidar as muitas atitudes do homem diante de sua vida, sendo que através dessas atitudes se pode compreender a situação de alguns setores estruturais do País, a exemplo do sistema de saúde e da questão agrária, a terra.

A crença, revelada pelo objeto ex-votivo, proclama, como já foi dito, a comunicação entre os fiéis e o santo. Ela elucida a necessidade que muitas pessoas têm da mínima melhoria de vida, da conquista da saúde, da casa e da terra, mas, também, ela demonstra a procura da salvação, da felicidade própria, do casamento, da carroça nova para o trabalho, ou seja: o ex-voto revela as melhorias de vida, inclusive atestando, para as possíveis deficiências dos setores (des)organizados da sociedade, pontos que afligem à coletividade.

Por outro ângulo, o ex-voto demonstra vontades, desejos, sonhos e ambições individuais que, no fundo, são valores coletivos, que cada um quer alcançar. São valores, intrínsecos aos indivíduos, que demonstram o desejo pessoal, até mesmo íntimo, da conquista de objetivos, do amor, da felicidade, da sexualidade, da libertação dos vícios – a exemplo do alcoolismo – do reencontro com o parente que sumiu há tempos, da salvação da morte e muitos outros desejos e vontades.

E, entre tantas cartas, ao Bom Jesus, um exemplo tão simples, em forma de pedido e promessa, vem do senhor João Francisco Santos, em primeiro 1º de agosto de 1991. Nele, Francisco pede ao Bom Jesus para que todos os seus filhos, netos, genros, noras e bisnetos tenham felicidade. Em troca o senhor Francisco promete a visita anual ao Santuário, e que com isso, a sua família tenha um bom futuro.

Em 1.8.1991/ Pedido ao Senhor Bom Jesus/ da Lapa de João Francisco Stos/ para todos os filhos netos/ genros, noras e bisnetos, Esposo/ Hó! Meu Senhor Bom/ Jesus da Lapa a vós mim dê todos/ os poderes, e fassa que eu/ possa beijar os pés de vós/ e que todos que são meus/ é de ir comigo visitar, vos/ e que vós é de abrir os/ meus caminhos que para o/ Ano eu é de visitar/ vós com todos da minha/ família que eu este ano/ possa preparar um/ futuro para este fim se/ Deus quizer/ pedido de João Francisco dos Santos. (v. Imagem 30)

Esse escrito, em uma folha pautada de um pequeno caderno, escrito à caneta esferográfica azul, demonstra, em primeiro lugar, a linguagem gramatical e ortográfica incorreta. Evidente que mal escrita para os padrões exigidos, pois lendo a carta tem-se a compreensão exata do pedido. Neste e, em vários outros casos, encontra-se um indício

da questão da alfabetização no Brasil, o que seria uma amostra da sua educação. Por outro lado, pode-se verificar, no seu conteúdo a procura da felicidade, apenas para o grupo familiar a que pertence. (v. Imagem 31)

O ex-voto, exposto aos olhares de tantos outros fiéis e curiosos, demonstra a sua confiabilidade, como meio de aproximação a uma sensibilidade, sobretudo popular, abarcando características comunitárias, portanto, coletivas, nas quais valores culturais estão à mostra.

As características comunitárias são reveladas a partir das necessidades, tradições e costumes, que se constata em determinadas comunidades. Por isso, elas são coletivas, pois perpetuam uma noção geral de apreensão da uma sociedade.

A preocupação do senhor Francisco se estende em dois momentos. O primeiro, com os seus entes, quando mostra a intenção de um bom futuro, da felicidade e da saúde. Em um segundo momento, ele demonstra a preocupação com sua própria saúde, com a qual ele terá possibilidades de retornar ao Santuário, para pagar as obrigações religiosas ao Bom Jesus.

Outro exemplo, que evoca situações e sentimentos individuais, está nos caixões funerários. Caixões de madeira, forrados com tecido azul celeste e elementos decorativos como fitinhas, bordados e cruz pintada de cor cinza, encostados em um canto da Sala de Milagres expressam o sentimento, pela cura de alguém, que esteve enfermo por algum tempo e que se curou. O ex-voto caixão funerário é o símbolo daquilo que conduziria o devoto ao seu próprio sepultamento, ao final da vida, à perda, mas que, com a fé, se salvou. (Imagen 38)

Ex-votos da sala de milagres do santuário de
Bom Jesus da Lapa, Bahia. Caixão Funerário.



Imagen 38 - Ex-voto caixão funerário. Santuário de Bom Jesus da Lapa.

Foto do autor. 1992.

Por outro lado, existem famílias que fazem a desobriga em louvor às almas, quando, com o caixão funerário, se pede por uma boa viagem, do familiar que partiu -, para os braços do Bom Jesus. É, na verdade, um caso clássico da boa morte, do sofrimento que acabou e da libertação da agonia, pela qual passou o doente levado para o lado de Deus ou de um santo, a que a família se apegou. Esse tipo de caixão é uma das iconografias das “alminhas”.

A morte, expressa nos ex-votos, é uma característica que elucida o sentimento da salvação e da boa morte. É um referencial para o estudo do medo e da doença, cujas atitudes, diante da morte e da vida, são encontradas na própria decoração do caixão ex-votivo.

O casamento é outro assunto que se pode observar entre muitos ex-votos. São muitas as estatuetas de gesso do Santo Antônio, o santo a quem as mulheres confiam o futuro casamento e que na modernidade é, popularmente, é conhecido como santo casamenteiro. Com bilhetes, anexados à imagem de Santo Antônio clássico – em forma de estatueta de trinta centímetros -, com pedidos e agradecimentos pelo “bom casamento” – para peregrino que vêm de longe, principalmente de Minas Gerais -, são os testemunhos da tradição e crença num dos santos mais populares do Brasil.

Fotografias de noivos também contam histórias recém-começadas. O casamento concretizado, o sonho da cerimônia na igreja se torna realidade. A foto é simples: o noivo, a noiva e a foto que consagra a “relação abençoada pelo Bom Jesus”. (Imagen 39)



Imagen 39 - Ex-voto fotográfico. Casamento. Santuário de Bom Jesus da Lapa.

Foto do autor. 2007.

As cartas ex-votivas contam muito. São mais explícitas diante do assunto. Elas mostram a intimidade, o lado pessoal do “promesseiro”, geralmente da mulher. Relatam o medo da solidão, a vontade de arranjar “um bom partido”⁵, a vontade de dar certo com aquele que já conhece e a vontade de usar, na igreja da Lapa, o véu de noiva. A questão do casamento é enfática diante do medo da solidão, de um *status* melhor, da constituição familiar, do amor, do desejo de chegar ao altar.

O vestibular de outrora e do ENEN, na atualidade é outro tema que leva muitos devotos a pedir ou a “pagar” pela felicidade, pela vitória da aprovação no concurso. Cartões de identificação são colocados na sala de milagres, uns pedindo por uma boa prova no concurso, que ainda acontecerá, outros já com a aprovação.

Ainda, sobre vestibular, há casos de pais que se fotografam com o filho – ambos segurando a lista de aprovados no vestibular – publicada em jornal diário. A foto, emoldurada, é depositada na sala de milagres, agradecendo – sem qualquer inscrição – pelo resultado. No caso de Bom Jesus da Lapa, são inúmeros os exemplos de pessoas que prestaram as provas nas faculdades de Barreiras, Juazeiro e Salvador, na Bahia.

A exemplo do vestibular, muitos outros fieis também pedem pela aprovação na escola em curso, pedem um novo violão, um tambor para o Terno de Reis, e uma infinidade de testemunhos que dão o caráter individual – quando o pedido corresponde a um sentimento de anseio particular ou coletivo, quando o pedido ou a graça alcançada correspondem a

5. Termo muito utilizado no interior do Brasil, que indica encontrar um bom marido.

uma expectativa mais ampla, que se localiza no bojo de uma comunidade e sociedade.

Cartas e cartazes são “depositados” com o intuito do agradecimento, são comuns, como o de Valdemar S. de Freitas, de Itiúba, Estado da Bahia, que agradece ao Senhor Bom Jesus da Lapa, pela graça alcançada – quando operado do coração – em 17 de outubro de 1991. Junto ao cartaz está a fotografia tirada no dia seguinte. E ao final do mesmo cartaz está a frase, dizendo: “Mariana, irmã vem falar com Jesus apresentar-vos seus agradecimentos”.

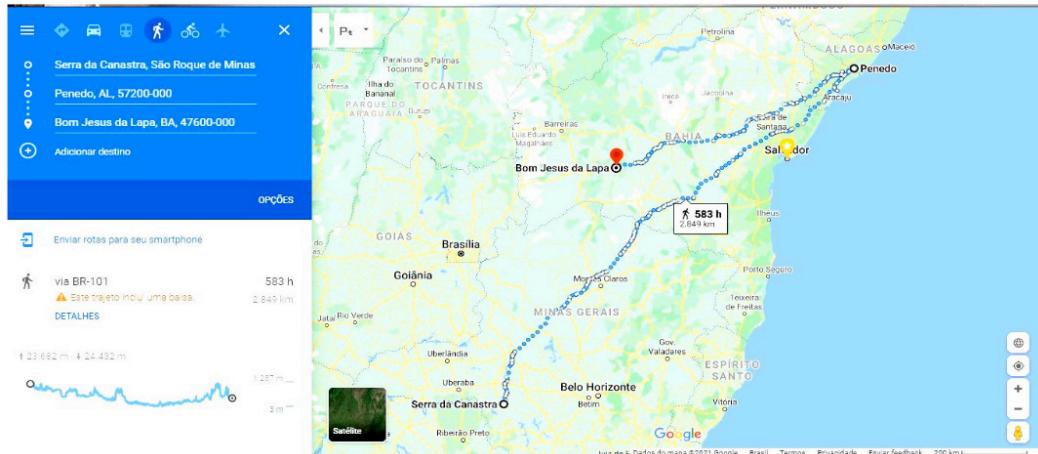
Impossibilitado de ir “pagar” a sua promessa, - devido à recuperação da cirurgia -, Mariana, irmã de Valdemar, se encarregou de concretizar o desejo do agraciado. É mais um dos inúmeros exemplos de ex-votos, que elucidam questões particulares, ou seja, individuais.

Colaborações em promessas, como a ocorrida com Valdemar S. de Freitas, são frequentes em Bom Jesus da Lapa, e ocorrem em casos como o seu, descrito acima, e casos de pessoas idosas, que não têm mais condições de se deslocar de suas cidades, atribuindo, portanto, a parentes o ato da desobriga e da reza no santuário.

Outro ex-voto – um São Francisco esculpido em puro cedro, bem detalhado, sem policromia, medindo 50 centímetros de altura –, com um bilhete colado em sua base, escrito com esferográfica azul, traz a mensagem da viagem de um peregrino, que percorreu mais de 2.840 quilômetros, saindo no dia 4 de outubro de 1991, da Serra da Canastra, Minas Gerais, indo até Penedo, em Alagoas, chegando em 4 de outubro de 1993 e finalmente atingindo Bom Jesus da Lapa, para depositar o ex-voto, no dia 17 do mesmo mês e ano. (v. Imagem 40 e mapa 2 do percurso do pagador da promessa). Este exemplar, tão bem produzido, não revela o nome do peregrino que, inclusive, na época foi mostrado pelas televisões baiana e alagoana.



Imagen 40 Ex-voto escultórico. São Francisco. Pagador de promessa de Minas Gerais a Bom Jesus da Lapa.
Foto do autor. 2018.



Mapa 2 – Percurso do pagador de promessa

Fonte: Google. Jun. 2021.

Esse último exemplo – junto a tantos outros – mostra a boa vontade e o sofrimento do peregrino e a distância percorrida, para levar ao santuário o testemunho da fé.

É importante notar que, neste último caso, o problema, que levou o devoto a cumprir a promessa, não foi explicitado. O mesmo acontece com as cruzes – que demonstram uma penitência dos crentes às promessas cumpridas -, mas que não relatam os motivos, o que demonstra que nem todos os devotos querem contar os seus milagres e promessas, por serem assuntos bastante pessoais, muito do interior, da intimidade, de cada um:

"Em junho de 2011, sofri / um grave acidente. Fiquei/na uti por 4 meses e / meio. Entre a vida e a/morte, foi momentos de / muito sofrimento. Minha / família rezava e pedia / a Deus para que eu me / salvasse.

Meu tio Pedro pediu / ao Bom Jesus da Lapa / p/que eu me salvasse. / Graças a ele estou aqui / para agradecer o milagre / recebido. Obrigado Jesus. [...]" (Imagen 42)

Com esta pequena carta, com assinatura escondida pela moldura que enquadra uma foto – e outras fotos de fiéis avulsos que aproveitaram a moldura –, a expressão da vitória pelo período pós-cirúrgico, em cuja fé esteve a família unida. Um testemunho que aponta para o coletivo em aclamação à entidade superior em prol de um ente querido, cujo problema está em, apenas, um indivíduo. (Imagen 41)

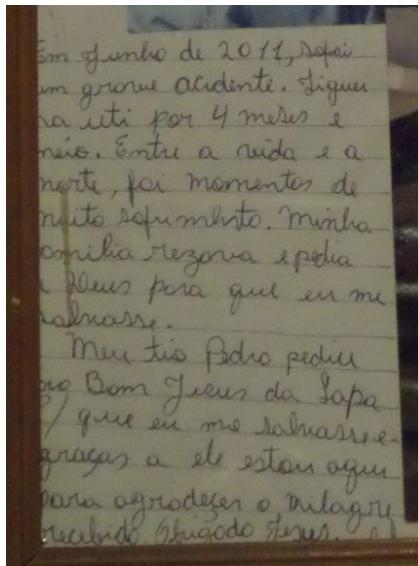


Imagen 41 - Ex-voto bibliográfico – carta

Foto do autor. 2007.

A questão da sexualidade é outro tema que desperta as atitudes ex-votivas. E, um deles, anônimo, que está na Sala de Milagres, do Santuário de Bom Jesus da Lapa, advém da libertação do vício do alcoolismo. Inúmeras de garrafas de aguardente cheias são o testemunho daqueles, que largaram o vício da bebida, geralmente a cachaça, por acharem que o desempenho sexual foi afetado. Grande parte das garrafas, com rótulos, explicita a perda da potência sexual masculina, provocada pela bebida. Outra parte demonstra os males causados pela bebida, como o desajuste familiar, a violência física à esposa e filhos e a perda de emprego.

As garrafas, e o líquido nelas contido, são os tipos de ex-votos mais recentes como testemunho da questão sexual, pois antes delas, objetos fálicos ou bonecos e ex-votos tradicionais, esculpidos com o detalhe do falos, constituíam-se como testemunho específico desse assunto. Na atualidade, as esculturas, que visam apontar a questão sexual, são em número bastante reduzido. Na Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa, foi visto apenas um exemplar.

A cura de uma lesão sofrida na perna, é testemunhada por uma fórmula de gesso e, outro caso inusitado está num painel fotográfico, colocado na Sala de Milagres mostrando o que foi e o que passou a ser uma família dona de uma fazenda: o antes, a pobreza, o hoje a prosperidade.

A FÉ E A RELIGIÃO

Os fenômenos religiosos absorvem três categorias fundamentais: as crenças, os ritos e os mitos. As primeiras, são estados de opinião e são compostas por representações simbólicas; as segundas, constituem tipos determinados de ações e, as últimas, são as motivações da fé.

Os ex-votos se enquadram, de maneira bastante perceptível, em cada uma dessas categorias. Diante da crença, eles mantêm a comunicação entre o homem e o padroeiro, refletindo e perpetuando a fé, a existência do sobrenatural potente, capaz de agraciar o fiel.

Dante do rito, o ex-voto se faz acompanhar da oração, do ritual e da concretização da desobriga. O ato de depositar o ex-voto não é resultado de um simples movimento das mãos, de pô-lo em canto da sala de milagres. Há todo um ritual que, inclusive, tem a romaria como o primeiro passo.

Carregado entre as mãos, o objeto ex-votivo artístico, ou não, viaja ao som de orações, é protegido à chegada ao santuário, acompanha a reza do devoto na igreja e, finalmente, ganha o seu espaço na sala de milagres, reservado para a desobriga. Ainda acompanhado de orantes – concretizando o ato da entrega –, com as mãos estendidas para o alto, o peregrino se concentra, volta o seu olhar para o objeto depositado, tocando-o, referenciando os últimos pensamentos ao seu padroeiro.

Do mesmo modo, e mais aproximador ao rito, é a vestimenta ex-votiva. São batas que o devoto veste por cima da roupa de viagem. Ao chegar ao santuário, ele assiste à missa, faz orações e se dirige à sala de milagres para nela fazer a desobriga, tirando a bata e depositando-a em um canto escolhido.

O mito é o protetor poderoso dos males da vida. É a figura com poderes divinos que abençoa a vida daquele que crê. O mito é aquele que tem as suas exigências, que prescreve obrigações – coletivas e individuais –, como formas prestativas para a sua própria e, consequentemente, para dar resposta ao devoto.

O mito, no presente estudo, é o Senhor Bom Jesus da Lapa, que pode estar representado em diversas formas, como, pela imagem tradicional, crucificado, no altar, em cada pedra do morro ou em cada gruta silenciosa.

A figura de Francisco Mendonça Mar foi também, historicamente, contemplada, no pedestal dos mitos. Seu poder reside, exatamente, na história do morro, na saga de suas andanças e na personalidade do eremita, que curou multidões.

Como outros centros de romaria, o Santuário de Bom Jesus da Lapa é local privilegiado de manifestações da fé, onde pródigos divinos foram identificados, revelados

os quais, através das intervenções sobrenaturais, a fé adquire credibilidade.

A religião e a fé se confundem na própria crença. Nelas se encontra o sagrado que, materialmente, dá vida aos objetos, representados iconograficamente por figuras, como os santos padroeiros, Jesus Cristo e outros deuses, de tantas religiões pelo mundo, que tem caráter mitológico.

Evidente que a criação do sagrado precede o objeto e, inclusive, pode permanecer sem objeto, num sinal de negação à materialidade. Não é o caso do Santuário de Bom Jesus da Lapa e do padroeiro daquela cidade. A religião e a fé conduzem as pessoas ao Santuário de Bom Jesus da Lapa. Nele, a crença, os ritos e os mitos são fortes, despertam interesses de novos fiéis, que perpetuam a tradição das romarias, das rezas, das missas, das promessas e das desobrigas.

Nessa busca incessante da fé, o ex-voto se consagra como objeto que – para um conjunto bastante grande de pessoas – sustenta a religiosidade, se afirmando como um dos componentes da crença e dos ritos, fortificando o mito do Bom Jesus. O ex-voto, porém, não se afirma como objeto sagrado, não tem o mesmo poder que possui o santo. Afirma-se, apenas, como objeto testemunho da crença no sagrado, no santo, no mito. Como documento, que testemunha a fé no sobrenatural, que concebeu a graça ou o milagre, a materialização do pagamento do pedido feito ao santo.

CONCLUSÕES

Os ex-votos são documentos ricos, testemunhos culturais. Além de expressarem fatos e acontecimentos individuais e coletivos dos humanos, eles demonstram ser objetos de arte, retratados bi e tridimensionalmente.

Os ex-votos diferem das ofertas e oferendas feitas a santos de várias religiões. Diferem também dos votos publicados em classificados de jornais. Eles não possuem qualquer poder sobrenatural de transformação ou melhoria. São simplesmente o testemunho de um milagre.

Os ex-votos não são privilégio de uma classe social. Advogados, prefeitos, mestres docentes e outros profissionais liberais, pobres e ricos, pedem a graça ao santo e pagam promessa, cumprem os rituais ao lado de camponeses, lavradores e operários, gente simples da cidade e do campo.

O devoto, eventualmente participa da elaboração do objeto ex-votivo, quando este é produzido artisticamente, pois auxilia ao artista a exaltação do sinal da doença, no caso, ou elucida a necessidade de algum traço, que possa exteriorizar a conquista da casa própria, do rancho, do carro, do emprego, do casamento etc.

Hoje, e especificamente em Bom Jesus da Lapa, os ex-votos exibe uma grande variação e diversidade. São fruto de mudanças que aconteceram e acontecem no mundo da religião e das artes, resultantes do momento histórico e novos costumes.

Com relação à religião, se identifica o aumento das romarias e da fé no padroeiro. Isso leva as pessoas a pedirem a graça ou pagarem a promessa de várias maneiras possíveis. Por exemplo, depositam um cartão de vestibular ou um painel de automóvel. São o resultado da variação e diversidade no tempo, nas transformações e intenções pessoais.

Já no campo das artes, nota-se o aumento das fotografias coloridas, em forma de *posters*. São novos objetos artísticos se formando, diversos dos ex-votos tradicionais. Também se pode constatar as maneiras artesanais de se fazer maquetes, chapéus de palha, carrinhos de pau e bonecas de pano.

É na arte que, em termos de forma, o ex-voto se mostra como elemento ainda mais rico, pois ele, é também, aparece em reproduções feitas em série. Mesmo com a alta reprodução da arte e do alto número de ex-votos industrializados, a arte perdura. Está nas esculturas e pinturas, nos estandartes e nas inúmeras miniaturas.

Em 1995 já não havia mais *riscadores de milagres* em Bom Jesus da Lapa. Sobrevivia apenas um santeiro. Os ex-votos de madeira esculpida tradicionais são levadas de outras localidades. Não há mais ex-votos artísticos tradicionais, feitos pelos artistas lapenses,

mas muitas obras de artes, produzidas pelos artistas locais, vão como promessas, para a Sala de Milagres, a exemplo das carrancas e miniaturas do santuário, todas em cedro, mas sem a intenção do artista de criar o ex-voto. A intenção, neste caso, é do próprio devoto.

As romarias e a sala de milagres são dois fatores que sustentam a tradição ex-votiva. As primeiras enriquecem e perpetuam as peregrinações ao santuário lapense. As três romarias lapenses – com a efetiva participação da igreja em uma delas – buscam a fé e mantêm as tradições votivas e ex-votiva.

A Romaria da Terra difere das romarias do Bom Jesus da Lapa e da Soledade, por ser movida por um pensamento reformulador, renovador e de ação política efetiva, na busca da conscientização das massas trabalhadoras do campo, numa proposta vinculada à Teologia da Libertação¹.

A Sala de Milagres, por sua vez, se mostra importante, porque é o espaço onde se dá a desobriga, onde o espectador vê os testemunhos da fé, onde esses testemunhos se apresentam com suas múltiplas e ricas faces, sejam elas artísticas, industrializadas ou simplesmente em forma de um simples bilhete.

Romarias e sala de milagres tornam os ex-votos mais significativos e testemunhos da fé. Também possibilitam elucidar os bons sucessos relativos das promessas e dos pagamentos delas, divulgando os casos de doenças, acidentes, pobreza, morte, amor, tristeza, sucessos, desejos e felicidades. São questões, que enaltecem o social, que mostram a situação do romeiro, do próprio lapense e dos devotos solitários, e que, através da arte, se pode compartilhar.

1. Movimento sócio eclesial, com tendências ao materialismo histórico e dialético, surgido dentro da Igreja Católica na década de 1960 e que, por meio de uma análise crítica da realidade social e da própria religiosidade, buscou auxiliar as populações mais carentes e oprimida na luta por direitos. Foi intenso no Brasil na década de 1990.

REFERÊNCIAS

FONTES IMPRESSAS

ABDO, Magali Jurema. Ex-votos: à venda um conjunto de fé. *Arte Hoje*, Rio de Janeiro, v.2, n. 14, p. 48-50, ago. 1978.

ANDRADE FILHO, Oswald de. *A pintura popular no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro, 1968. (Cadernos de Folclore).

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Documentário folclórico paulista*. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1951.

BARATA, Mário. Arte e significação dos ex-votos populares. *Diário de Notícias*. Bahia. 8 -9 jan. 1967

BARROS, Souza. *Arte, folclore e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC, 1977.

CARNEIRO, A. de Souza. Pelo São Francisco: estrutura geológica e mineral. *Laboratório*. Salvador, n. 3, páginas limites, jun. 1905.

CASTRO, Márcia de Moura. "Ex-voto em Minas Gerais e suas origens". In: *Cultura*, 31, Brasília, 1979.

DALL'AGNOL, Raymundo. *O 'ex-voto' na imprensa*. Recife: MEC; IJNPS; CEF. [196?].

Encyclopédia dos municípios brasileiros. Estado da Bahia. **Bom Jesus da Lapa**. Rio de Janeiro: IBGE, n. 1. 1960. p. 23.

EX-VOTO. In: *Encyclopédia Delta Larousse*. Rio de Janeiro: Delta, 1972. v. 6, p. 2645.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

KOCIK, Lucas. **Lapa**: o Santuário do Bom Jesus. 3 ed. Bom Jesus da Lapa: Bom Jesus, 1985.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios).

SAIA, Luiz. *Escultura popular brasileira*. São Paulo: Gaveta, 1944. 62 p. 26 #.

SARMENTO, Luiz Carlos. São Francisco o rio da integração. *Revista Geográfica Universal*. Rio de Janeiro, n. 52, jul. 1987. p. 82-98.

SEGURA, Turíbio Villanova, Pe. **Bom Jesus da Lapa**: resenha histórica. São Paulo: Ave Maria, 1937.

SERRA, Ordep José Trindade. O que é monumento? In: SERRA, Ordep J. T. *Simbolismo da cultura*. Salvador: CED/UFBA, 1991. p. 33-104.

SILVA, Maria Augusta Machado da. *Ex-votos e orantes no Brasil*. Rio de Janeiro: MHN; MEC, 1981. p. 120.

SOARES, Lélia Gontijo (Coord.). *Romaria do Bom Jesus da Lapa na Bahia*. Salvador; Artes Gráficas e Industria, 1983. (Romarias Brasileiras).

VALLADARES, Clarival do Prado. *Riscadores de Milagres*: um estudo sobre a arte genuína. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica; Salvador: Superintendência de Difusão Cultural da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 1967. 171 p. il.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. Tradução de Maria Júlia Goldwesser. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FONTES MANUSCRITAS

BAHIA. APEB - Arquivo Público do Estado. Seção Colonial. Ordens Régias, Lisboa, Livro 3, 1695, fls. 197, 198a, 199a. ms.

BAHIA. APEB - Arquivo Público do Estado. Seção Colonial. Ordens Régias, Lisboa, Livro 11, 1717, fl.95. ms.

BAHIA. APEB - Arquivo Público do Estado. Seção Colonial. Ordens Régias, Lisboa, Livro 11, 1718, fl.96. ms.

BAHIA. APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia. Seção Império, Previdência da Província. Série Judiciário Juízes – Lapa. Arraial do Bom Jesus da Lapa, 8 nov. 1871. Doc. n. 2457, fls. 1-14. ms.

BAHIA. APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia. Seção Império. Lapa. Previdência da Província. Série Judiciário Juízes, Requerimento. Arraial do Bom Jesus da Lapa, 6 dez. 1871, doc. n. 2457.2. 1fl.

BAHIA. APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia. Seção Império. Lapa. Previdência da Província. Série Judiciário Juízes, Requerimento. Arraial do Bom Jesus da Lapa, s.d., 2457.3, 1fl.

JOSÉ CLÁUDIO ALVES DE OLIVEIRA - Natural de Vitória da Conquista (BA). Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pós-doutorado em Comunicação e Tecnologias, pela UMinho, Portugal (FAPESB BOL2757/2012, CAPES BEX18009/12-3). Pós-doutorado PNPD/CAPES em Ciência da Informação na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (88882.317832/2013-01). Doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade na Universidade do Estado da Bahia. Professor Associado IV do Departamento de Museologia da UFBA. Professor permanente dos Programas de pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e Museologia da UFBA (PPGMUSEU). Pesquisador 2 do CNPq. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Museologia da UFBA (PPGMUSEU). Coordenador do Núcleo de Pesquisa dos Ex-votos e do Projeto Ex-votos das Américas: etapa América do Sul. claudius@ufba.br . <https://projetoex-votosdobrasil.net/>

Em 2003, em um artigo dedicado às peregrinações ao santuário de Bom Jesus da Lapa (STEIL¹), lemos:

“Tomamos, assim, a romaria como um discurso metassocial que comporta duas formas de sociabilidade, que operam a partir de lógicas opostas: a da comunidade, para a qual a verdadeira sociedade seria expressa pelo ideal fraterno da comunhão, e a da societas, onde a regra básica de funcionamento da sociedade estaria na distinção”.

O estudo dos peregrinos que vão ao santuário é de fato um eixo possível de qualquer pesquisa sobre práticas votivas.

Entretanto, o trabalho de J. C. Alves de Oliveira preenche uma importante lacuna nesta definição de peregrinação: para atuar seu encontro com o divino, o homem precisa deixar um traço concreto, que representa o meio entre o humano e o irracional. Através do estudo realizado aqui, o autor devolve aos ex-votos das salas dos milagres todo o lugar que eles merecem no coração deste processo de fé pessoal. Às vezes propiciatório quando pedem graça, às vezes gratulatório quando estão lá para pagar uma promessa, ex-votos devem ser claramente diferenciados das ofertas feitas aos santos. Longe de serem investidos de poder sobrenatural, eles são o testemunho final da passagem do homem por um santuário e de sua troca com o divino. No santuário de Bom Jesus da Lapa, as maiores peregrinações reúnem até 400.000 pessoas em poucos dias, como durante a Festa do Divino no dia de Pentecoste, mas também no início de agosto. É fácil imaginar a multidão de ex-votos depositados nestas ocasiões particulares, somada ao número diário: seu estudo foi, portanto, essencial para a compreensão das questões individuais e coletivas deste fenômeno votivo.

Os desafios são, de fato, individuais em primeiro lugar, como mostra a análise das representações de ex-votos dedicados. O autor define categorias claras: ex-votos, antropomórficos na imagem dos doadores (e fotos também), mas também representando um membro doente e curado, ex-votos zoomórficos, ex-votos perecíveis de alimentos ou objetos simples pertencentes à vida cotidiana dos peregrinos. Como regra geral, os objetos dedicados não são impostos nem por seu valor ostensivo nem por sua monumentalidade, na medida em que estão ali para atestar um vínculo individual e um investimento pessoal por parte do doador. Alguns escapam dessa simplicidade para possuir um valor monetário (joias, dinheiro em espécie, objetos artísticos, considerados de grande valor),

1. Carlos Alberto Steil “Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa”, *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 249-261, outubro de 2003

mas na maioria dos casos, os ex-votos do santuário de Bom Jesus da Lapa são objetos representativos da fé de uma pessoa, cujo valor religioso conta muito mais do que seu valor de mercado.

Mas os desafios também são coletivos, na medida em que os ex-votos são parte de uma série de gestos ritualizados dentro de uma comunidade, dos quais a peregrinação é apenas uma expressão. A criação das salas dos milagres responde a uma necessidade de encenar o concreto da fé para manifestar tanto a eficiência divina quanto a piedade humana.

Ubíquos, os ex-votos enchem A Sala de Milagres da BJDL, obrigando o autor deste livro a estudá-los em diferentes contextos interdisciplinares que constituem a riqueza de sua pesquisa: sociologia, antropologia religiosa, história da arte, mas também a economia de um santuário, através da fabricação de ex-votos.

Do ponto de vista sociológico, podemos ver que os ex-votos não são reservados para uma única classe social. Todos os estratos da sociedade têm desejos de pedir ao santo ou promessas de pagamento: encontramos ex-votos depositados por professores, advogados, médicos, mas também camponeses, agricultores e trabalhadores: por exemplo, a Romaria de Terra é a ocasião para reivindicações sociais e sindicais da classe trabalhadora rural e das mulheres.

O estudo do autor também faz parte de uma reflexão sobre antropologia religiosa: os ex-votos, passando da esfera íntima da promessa para sua exibição pública, são em Bom Jesus da Lapa um testemunho excepcional da união da devoção católica com um misticismo profano exacerbado pela atmosfera particular das cavernas.

Esta pesquisa também constitui um suporte fundamental para o campo da museologia e da história da arte: os ex-votos pictóricos do santuário de Bom Jesus da Lapa, por exemplo, mas também as fotografias, os bonecos, os estandartes ou as miniaturas de caminhão “pau-de-arara” são objetos de interesse artístico ou iconográfico intimamente relacionados com a vida do doador que frequentemente participa de sua elaboração, guiando a imaginação do artista em torno do motivo do ex-voto: doença, família, trabalho.

Finalmente, o estudo dos ex-votos faz parte de um sistema de economia sagrada e o autor enfatiza isso: ele menciona a ausência de *riscadores de milagres* ou artistas que pintem quadros ex-votivos ou os santeiros, ressaltando que nas proximidades do santuário só existem barracas que vendem artesanato religioso

produzido em massa. Em Bom Jesus da Lapa, existe apenas um santeiro que faz santinhos por encomenda, se negando a vendê-los em qualquer armário ou barraca. Esta questão dos riscadores ausentes de Bom Jesus da Lapa é importante para entender a evolução de um grande santuário. A industrialização dos santinhos implica no curto prazo o desaparecimento total de um artesão cujo papel não se limitava à fabricação de objetos votivos, mas envolvia um investimento piedoso total em seu trabalho.

Portanto, todos encontrarão interesse em ler este livro, cuja ampla gama de temas ecoa a vasta gama de ex-votos depositados na Sala dos Milagres de Bom Jesus da Lapa.

De fato, em um contexto religioso excepcional (o Bom Jesus é chamado de “Capital Baiana da Fé”), que combina crenças profanas e manifestações da fé católica, o caráter lábil dos ex-votos torna possível estabelecer múltiplas conexões que oferecem um paradigma privilegiado para pensar sobre o sistema de inter-relações entre o ser humano e o divino e associar culturas materiais e imateriais.

Clarisso Prêtre

Diretora de Pesquisa CNRS, Paris, França,

22 de setembro de 2022.

Em *Ex-votos da Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa: Sociedade, Religião e Arte*, José Cláudio Alves de Oliveira (re)apresenta uma análise detalhada e abrangente sobre um dos santuários mais extraordinários do Brasil. Nossa guia e ponto de entrada é o *ex-voto* –documento/artefato que captura a atenção de Oliveira, hoje Professor da Universidade Federal da Bahia, durante seu mestrado, cujo resultado é este estudo documental e iconográfico de ex-votos presentes no Santuário entre 1992 e 1994. Além de nos transportar ao final do século XX, véspera de novas tecnologias e demasiadas mudanças socioculturais, Oliveira retrata o legado intelectual da prática ex-votiva, e através de algumas adições, encaixa ex-votos contemporâneos e a atual aparência do Santuário na análise original. O resultado é complexo: variedade em tipologia, material, e origem indicam que cada voto alcançado/testemunhado representa uma história única. Ao mesmo tempo, refletem continuidades, em essência, percursos primordiais: bem-estar, segurança, amor, felicidade, paz e sucesso. Diante das suas contribuições, *Ex-votos da Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa: Sociedade, Religião e Arte* é um texto indispensável para acadêmicos, devotos e aficionados interessados em ex-votos, religião, materialidade e comunicação.

Natália Marques da Silva
PhD in Global & Sociocultural Studies
Florida International University,
2022, October, 07

Em *Ex-votos da Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa: Sociedade, Religião e Arte*, José Cláudio Alves de Oliveira (re)apresenta uma análise detalhada e abrangente sobre um dos santuários mais extraordinários do Brasil. Nossa guia e ponto de entrada é o *ex-voto* –documento/artefato que captura a atenção de Oliveira, hoje Professor da Universidade Federal da Bahia, durante seu mestrado, cujo resultado é este estudo documental e iconográfico de ex-votos presentes no Santuário entre 1992 e 1994. Além de nos transportar ao final do século XX, véspera de novas tecnologias e demasiadas mudanças socioculturais, Oliveira retrata o legado intelectual da prática ex-votiva, e através de algumas adições, encaixa ex-votos contemporâneos e a atual aparência do Santuário na análise original. O resultado é complexo: variedade em tipologia, material, e origem indicam que cada voto alcançado/testemunhado representa uma história única. Ao mesmo tempo, refletem continuidades, em essência, percursos primordiais: bem-estar, segurança, amor, felicidade, paz e sucesso. Diante das suas contribuições, *Ex-votos da Sala de Milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa: Sociedade, Religião e Arte* é um texto indispensável para acadêmicos, devotos e aficionados interessados em ex-votos, religião, materialidade e comunicação.

Natália Marques da Silva

PhD in Global & Sociocultural Studies

Florida International University,

2022, October, 07